



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS III – DCH III
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

RAFAEL DE SANTANA SILVA

O POTENCIAL COMUNICATIVO DA LITERATURA E DO POEMA NO
CONTEXTO ESCOLAR

JUAZEIRO-BA

2022

RAFAEL DE SANTANA SILVA

**O POTENCIAL COMUNICATIVO DA LITERATURA E DO POEMA NO
CONTEXTO ESCOLAR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de graduação em Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia de Juazeiro.

Orientador (a): Prof^a. Dr^a Claudia Maisa Antunes Lins.

JUAZEIRO-BA

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Regivaldo José da Silva/CRB-5-1169

S586p

Silva, Rafael de Santana

O potencial comunicativo da literatura e do poema no contexto escolar / Rafael de Santana Silva. Juazeiro-BA, 2022.
77 fls.: il.

Orientador: Prof^a. Dr^a. Claudia Maisa Antunes Lins.
Inclui Referências
TCC (Graduação – Pedagogia) – Universidade do Estado da Bahia.
Departamento de Ciências Humanas. Campus III. 2022.

1. Oficina literária – Pedagogia. 2. Literatura – Contexto escolar.
3. Poema – Contexto escolar. I. Lins, Claudia Maisa Antunes. II. Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas. III. Título.

CDD: 808.0469

RAFAEL DE SANTANA SILVA

O POTENCIAL COMUNICATIVO DA LITERATURA E DO POEMA NO CONTEXTO
ESCOLAR

Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Pedagogia apresentado na
Universidade do Estado da Bahia DCHIII como requisito parcial para a obtenção do título
de licenciatura em Pedagogia.

Aprovado em: 22 de julho de 2022.

BANCA EXAMINADORA

Claudia Maysa Antunes Lins

Profa. Dr^a. Cláudia Maysa Antunes Lins - UNEB/DCHIII
(Orientadora)

Neuma de Sá Guedes

Profa. Ma. Neuma de Sá Guedes – UNEB/DCHIII
(Avaliadora)

Paulo R. S. Neto

Prof. Me. Paulo Ribeiro Soares Neto - UNEB/DCHIII
(Avaliador)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus (Jeová) e aos que, banhados de compreensão e sensibilidade com o próximo, ajudaram-me nesse processo que, em meio às dificuldades internas (emocionais/sentimentais) e externas, precisou de humanidade antes de tudo.

RESUMO

O presente memorial é resultado da pesquisa intitulada *O Potencial Comunicativo da Literatura e do Poema no Contexto Escolar*, realizada na Escola Municipal Presidente Tancredo Neves, localizada em um bairro periférico da cidade de Juazeiro-BA. Teve, como um dos objetivos centrais, observar e vivenciar o potencial comunicador da literatura e do poema e a presença desta linguagem no ambiente escolar de forma sensível, crítica e reflexiva. A experiência desta pesquisa deu-se com a realização de oficinas literárias e poéticas com crianças do 5º (quinto) ano do ensino fundamental, onde foi apresentado e experienciado o produto autoral desta pesquisa, qual seja, um livro infanto-juvenil chamado *Pedrinho e seu livro: viagens e aventuras* (2021), além de contos de outros autores como Manoel de Barros e Clarice Lispector. Ainda, como produto resultante desta pesquisa, foi produzido um segundo livro (volume 2) infanto-juvenil chamado *Pedrinho e seu livro: ressignificando o mundo* (2022), que traz um conjunto de reflexões advindas de todas as vivências durante o desenvolvimento desta pesquisa na escola e da relação com as crianças. Numa abordagem sensível, “comunicadora de beleza” (Lins, 2020: 212) e crítica, a linguagem literária/poética foi apresentada às crianças e com elas vivida. Dessa forma, a perspectiva e abordagem discursiva que esta pesquisa traz, bem como os produtos resultantes dela, que poderão ser utilizados e experimentados pelas escolas, pelas próprias crianças, abrem espaço para muitas outras pesquisas nesse sentido.

Palavras-Chave: Oficina literária. Literatura. Poema. Pedagogia.

ABSTRACT

The present memorial is the result of the research entitled *The Communicative Potential of Literature and Poem in the School Context*, carried out at the Presidente Tancredo Neves Municipal School, located in a peripheral neighborhood of the city of Juazeiro-BA. One of the main objectives was to observe and experience the communicative potential of literature and poems and the presence of this language in the school environment in a sensitive, critical and reflective way. The experience of this research took place with the realization of literary and poetic workshops with children of the 5th (fifth) year of elementary school, where the authorial product of this research was presented and experienced, that is, a children's book called *Pedrinho and his book: Viagem e Aventuras* (2021), as well as short stories by other authors such as Manoel de Barros and Clarice Lispector. Also, as a result of this research, a second book (volume 2) for children and adolescents was produced called *Pedrinho and his book: resignifying the world* (2022), which brings a set of reflections arising from all the experiences during the development of this research in school and the relationship with children. In a sensitive, “beauty communicator” (Lins, 2020: 212) and critical approach, literary/poetic language was presented to children and lived with them. In this way, the perspective and discursive approach that this research brings, as well as the resulting products, which can be used and experienced by schools, by the children themselves, opens space for many other researches in this sense.

Keywords: Literary workshop. Literature. Poem. Pedagogy.

Sumário

| | |
|---|----|
| 1. INTRODUÇÃO | 9 |
| 2. HISTÓRIA E MEMÓRIA DE VIDA ENCONTRANDO-SE COM A PESQUISA | 11 |
| 3. REFLEXÕES E APRENDIZAGENS NO CAMINHAR DE CRIAÇÃO E EXPERIMENTAÇÃO | 14 |
| 3.1 POEMATIZANDO NA ESCOLA | 16 |
| 3.2 O POEMA NA ESCOLA – O QUE DIZEM AS EDUCADORAS E OS LIVROS DIDÁTICOS | 19 |
| 4. A ALMA DA PESQUISA: CONVIVÊNCIA E OFICINAS POÉTICO-LITERÁRIAS NA ESCOLA COM AS CRIANÇAS | 25 |
| 5. PEDRINHO E SEU LIVRO: A EXPERIÊNCIA DA PRODUÇÃO | 52 |
| 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS | 55 |
| 7. REFERÊNCIAS | 58 |
| 7.1. LIVROS INFANTO-JUVENIS DE APOIO NAS OFICINAS | 59 |
| ANEXOS | 60 |

1. INTRODUÇÃO

Este memorial apresenta a experiência de criação de dois produtos, a saber: *“Pedrinho e seu livro – Viagens e aventuras”* (2021), *“Pedrinho e seu livro – Ressignificando o mundo”* (2022), produtos estes que trazem histórias literárias e que pretendem cumprir também uma dimensão pedagógica, na perspectiva de “comunicadora de beleza” trazida por Lins (2020: 212). O volume 1 traz a história do menino Pedrinho, que gosta de ler e que viaja por intermédio dos livros. O volume 2 apresenta frases reflexivas sobre essa viagem que a leitura proporciona.

Será trazida a experiência de criação dos produtos e, também, me senti desafiado a experimentar estes livros autorais e outros textos literários num diálogo aberto com as crianças; para tal interação tive como referência o diálogo aberto acontecido na pesquisa doutoral *“Diálogos do Riso – Um campo aberto para repensar a arte e a educação”* (Lins, 2020), bem como a experiência com a literatura e a poesia que a professora Maisa Lins vem desenvolvendo junto as suas orientandas e monitoras.

Na oportunidade de realizar o trabalho no cenário de uma escola pública, produzi e implementei entrevistas com a professora da turma e com a coordenadora pedagógica para trazer uma reflexão sobre como elas percebem a importância da presença da literatura e do poema na sala de aula, ou mesmo se utilizam desse recurso e como se apropriam dele, e ainda como elas avaliam a presença desses textos nos livros didáticos, para observar qual é a proposta deste tipo de recurso pedagógico, quando se trata da literatura e do poema.

Com isso a pesquisa oportunamente fez apontamentos no tocante às especificidades da presença da Literatura e do Poema na experiência pedagógica com as crianças e do potencial comunicativo dessa linguagem; também refletiu sobre o uso de poemas como um viés capaz de contextualizar e produzir consciência crítica. Ainda, este memorial, circunda discursivamente e pela descrição das atividades práticas realizadas nesse processo, sobre uma necessidade de haver uma compreensão do potencial não apenas numa dimensão poética, mas também de como pode haver a construção de outros tipos de conhecimentos por meio de

uma linguagem expressiva e viva que promove uma diversidade de possibilidades de pensar e conhecer as realidades.

O lócus de pesquisa é uma escola municipal localizada na periferia da cidade de Juazeiro - Bahia. O trabalho foi realizado na turma do 5^o (quinto) ano do ensino fundamental (anos iniciais). Foi nessa escola onde aprendi a ler e escrever e tive contato com os primeiros livros de literatura infanto-juvenil. Por esta razão justifica-se um texto autobiográfico, que se segue no segundo tópico, onde relato minhas vivências na referida escola.

Aqui faço a reflexão sobre a utilização e criação de poemas como meios primordiais para a interação num processo de ensino-aprendizagem comunicativo, crítico e reflexivo no contexto da escola; isso produz também, competências linguísticas substanciais ao sujeito, e estes são pontos que sempre precisam ser observados. O trabalho pedagógico com o emprego da literatura e do poema pode e é uma possibilidade de construção de um ambiente escolar que tenha uma comunicação inteligível, sensível e acessível entre todos os sujeitos – principalmente alunos-professores-alunos – onde as informações/conteúdos serão discutidos e problematizados por intermédio da literatura e do poema.

Nesse íterim discursivo deste memorial, desenhou-se como tema: *O Potencial Comunicativo da Literatura e do Poema no Contexto Escolar*, delimitando-se, mas não definindo-o, em uma análise do potencial comunicador da literatura e do poema e a presença desta linguagem no ambiente escolar de forma crítica e reflexiva. Erigindo, como pontos focais que ajudaram a orientar para o objetivo maior, investigar o potencial comunicador da literatura e do poema e a presença desta linguagem na instituição escolar, a partir da vivência com os produtos *“Pedrinho e seu livro – Viagens e aventuras” (2021)*, *“Pedrinho e seu livro – Ressignificando o mundo (2022)”*, entre outras produções literárias, de autores e autoras diversos.

Como objetivos apoiadores, ou específicos, foram trazidas as possibilidades de identificar projetos e/ou atividades que se utilizam da literatura e do poema como meios potencializadores de comunicação na experiência pedagógica com as crianças; de analisar as formas como o poema e a literatura estão sendo abordados no ambiente escolar e nos livros didáticos; e de demonstrar, de forma prática, como a literatura e o poema podem ser substancialmente importantes para a construção

linguística, comunicativa e para a formação crítica das crianças. Destarte, chegando a questão de como o uso de poemas e da literatura podem contribuir para o processo de leitura e escrita e estimular a criticidade e capacidade comunicativa dos alunos do 5º ano da Escola Municipal Presidente Tancredo Neves.

2. HISTÓRIA E MEMÓRIA DE VIDA ENCONTRANDO-SE COM A PESQUISA

A escolha da Escola Municipal Presidente Tancredo Neves como lócus de pesquisa não foi aleatória, uma vez que existe uma ligação também sentimental, nascida da relação direta com a instituição, fazendo com que a minha história estivesse, indubitavelmente, presente da forma mais íntima neste trabalho/pesquisa. Foi nesta escola que estudei por quatro anos, de 2001 a 2004, e foi nela que me apropriei da leitura e da escrita, estes dois caminhos pelos quais entrei no universo da literatura e do poema.

Foi esse percurso pessoal e escolar como, outrora, sujeito estudante da instituição, que me impulsionou e inspirou a sempre estar levando, observando, discutindo e pesquisando sobre as potencialidades do universo da literatura e do poema, o que me levou a observar esse evento também no contexto escolar. Desde a infância percorri um caminho sempre atrelado às páginas de um livro infantil ou qualquer outro, uma trajetória que começa no próprio local de pesquisa (meu primeiro ambiente escolar), onde aprendi a ler, escrever e começar a minha jornada literária que dura até hoje.

Essa relação umbilical, literária e pedagógica, que fazem parte da minha história de vida estudantil na referida instituição, tem um peso substancial na vontade e escolha de ter realizado esta experiência com os dois produtos, que trazem tanto uma dimensão literária como pedagógica, e que foram experimentados na referida escola com as crianças. Utilizar esses produtos na Escola Municipal Presidente Tancredo Neves foi a oportunidade e o privilégio de retornar à escola, e sob uma perspectiva sensível, poder devolver algo que recebi. A decisão de fazer o trabalho de experimentação na escola onde estudei na infância, transportou-me para outros tempos por meio da memória.

Poder voltar, após anos, nesse local onde tudo começou, é de uma sensação indescritível, o que tornou o projeto ainda mais prazeroso e real para mim. Dissertar

sobre determinados momentos do passado é, indubitavelmente, jornada por memórias que suscitam sentimentos inefáveis. Em nossa vida diária, ao acionarmos a memória, certamente faremos uma relação entre o que já aconteceu e o que está acontecendo agora, reciprocamente. Este processo imprime uma marca na escrita deste trabalho, onde rememoro e apresento essa intimidade minha e da minha história, com a pesquisa.

Costumo dizer que a memória do que já aconteceu (passado) está sempre presente no que está acontecendo, de alguma forma. Situações como um cheiro, um lugar, um momento, um objeto, despertam uma infinidade de lembranças. Quase sempre fazemos um jogo entre passado e presente quando consultamos a nossa memória e, não raro, projetamos o futuro. Memórias são, também, poder estar no presente lembrando do passado e vislumbrando o futuro.

A minha vida estudantil, escolar, inicia-se na antiga 1ª série do ensino fundamental 1, aos 6 (seis) anos de idade, no ano de 2001. Não fiz nenhum tipo de pré-escolar ou algo do gênero. Bom, há um detalhe importante do qual eu me lembro muito bem e que, a minha mãe confirma, de que eu ainda fiz o “prezinho” (período escolar anterior ao fundamental 1) por um tempo, pouquíssimo tempo, mas não fiquei porque chorava querendo voltar para casa.

Eu lembro da minha professora desse tal “prezinho” tentando me fazer parar de chorar; tentativas sem sucesso. Lembro-me de quando ela colocou-me em um balanço colorido, aqueles balanços antigos como se fossem uma cadeirinha. É engraçado, pois parece que foi ontem, e eu lembro muito bem. Era uma escolinha no meu próprio bairro e a minha professora era nossa vizinha. A escola era chamada Ser Feliz, um belo nome, digamos, para um começo de jornada que sim, considero ter tido muito mais momentos felizes. Lembro-me de muitos detalhes da minha época de criança, sejam nomes, pessoas, lugares e até momentos.

A escola na qual eu estudei o meu ensino fundamental I, da primeira à quarta série (1ª a 4ª), Escola Municipal Presidente Tancredo Neves, na época em que eu estudei, era estadual. Lembro muita coisa dessa época, pois foi um período muito importante para mim. Ainda consigo lembrar de alguns colegas dessa época, afinal, muitos moravam no mesmo bairro que eu. Lembro de minha professora, que também morava no bairro. Hoje já não sei mais onde ela se encontra e nem como andas, mas foi uma grande figura para mim. A professora era conhecida pelo nome

de Prazeres; na época ela era a professora e também a diretora da escola. Ela me ajudou a alcançar muitos objetivos naquele início, especialmente no que diz respeito ao aprendizado da leitura.

Lembro que a escola era como um mundo novo para mim. Aquela quantidade de gente, um lugar, uma sala, tudo isso foi surpreendente. Eu era uma criança de personalidade calma, um tanto quanto tímido, porém a timidez não atrapalhava caso fosse preciso ler na sala, por exemplo, como aconteceu em diversos momentos. A leitura e a escrita precoces foram resultados da minha sempre grande vontade e paixão pelo mundo das letras, das histórias. E essa paixão começou cedo.

Uma das minhas lembranças físicas mais antigas e uma recordação nostálgica desse tempo mágico de criança durante o período escolar, é um quadro com aquela famosa fotografia que tirávamos tendo ao fundo a bandeira do Brasil. Lembro bem daquele garotinho canhoto, pequenino para a idade e que gostava bastante de ler e escrever. Continuo canhoto, minha aparência insiste em não acompanhar a minha idade cronológica e eu ainda amo muito ler e escrever. A herança da leitura e da escrita é algo que me foi deixada como um presente eterno, e devo isso também a escola, porque neste lugar fui estimulado a gostar de ler e de escrever, e era comumente convidado para ser o narrador das encenações organizadas pela professora. Minha desenvoltura com a leitura e o gosto por isso, contribuíam bastante para que eu quisesse e gostasse de participar desses momentos. Tenho alguns registros muito interessantes de uma peça teatral em que eu e meus colegas apresentamos para toda a escola.

Estes momentos da minha história estudantil entram aqui como se fosse um solo fértil onde eu pudesse plantar e colher frutos a partir do uso dos produtos por mim criados: *“Pedrinho e seu livro – Viagens e aventuras (2021)”*, *“Pedrinho e seu livro – Resignificando o mundo” (2022)*, com expectativa de que estes livros sejam estimuladores da leitura e um caminho para o encontro com a literatura. Para isso, preparei um conjunto de atividades e oficinas literárias envolvendo a experiência de leitura de contos de outros autores e autoras e a viagem na leitura dos livros por mim produzidos. Tornou-se importante para mim ter o *feedback* das crianças acerca dos livros que escrevi/produzi.

3. REFLEXÕES E APRENDIZAGENS NO CAMINHAR DE CRIAÇÃO E EXPERIMENTAÇÃO

As reflexões enveredam-se por caminhos onde se pode sentir a pesquisa, a própria vivência da construção dos produtos e das situações propostas por mim às crianças e propostas a mim pelas próprias crianças - além da discussão substancial. Estas experiências únicas com as vivências das oficinas na escola Tancredo Neves com as crianças, que até certo ponto eu, como estudante universitário nas oportunidades de desenvolvimento de atividades em ambientes escolares, pratiquei também com crianças, contudo numa perspectiva e abordagem muito mais técnica de como entender a estrutura de um poema e aprender como produzi-lo, por exemplo, foi fundamental para toda discussão. E que agora, nesta experiência em curso, para compor o Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, assumo a perspectiva de uma pedagogia “comunicadora de beleza” trazida por Lins (2020: 212), que possibilitou-me abrir um diálogo com as crianças a partir da experiência com a literatura e o poema.

A provocação da Pedagogia como “comunicadora de beleza” (Lins, 2020: 212) ascendeu possibilidades discursivas e caminhos que me abriram práticas literárias e pedagógicas dentro do meu próprio processo de como perceber e abordar a literatura e o poema com as crianças que, pela devolutiva delas, confirmaram como a experiência sensível com os livros e a literatura foram ricas para desenvolver a própria criatividade e comunicação delas. É considerando esta reflexão que me coloquei no trabalho com as crianças, através das oficinas, como um comunicador de beleza.

Esse caminho outro, essa abordagem, essa sensibilidade importante na vivência dessa linguagem literária e poética com as crianças, tão fundamental quanto aprender sobre a construção de um poema, foi-me apresentada a partir dos diálogos com a professora Máisa Lins, que já vem realizando essa metodologia do diálogo aberto com as crianças a partir da experiência com a literatura e a poesia, desde a sua tese, e também junto aos estudantes por dentro dos componentes Estágio Curricular Supervisionado, Literatura Infanto-Juvenil e Pesquisa, Prática Pedagógica, e TCC's, bem como a partir dos projetos no âmbito da Brinquedoteca Universitária Manoel de Barros.

Os sujeitos da pesquisa para além das crianças da turma do 5º ano da Escola Municipal Presidente Tancredo Neves, no município de Juazeiro – Bahia, envolveu oportunamente, a professora da turma, bem como a coordenadora pedagógica da escola, num esforço para contemplarmos a discussão que intenciona-se acerca de alguns objetivos desta investigação: de como a presença da literatura e do poema pode contribuir substancialmente no processo da expressividade, comunicação, de leitura e escrita dos alunos de uma turma do Ensino Fundamental I (anos iniciais), e se este tipo de texto está presente e/ou como está presente no currículo escolar.

O percurso metodológico amplia a experiência da produção/criação dos dois produtos já citados (volumes 1 e 2), abrindo um campo de experimentação desses produtos a partir da interação com as crianças do 5º ano vespertino da referida Escola, por meio de oficinas utilizando os livros criados. Além dos dois livros de minha autoria, trabalho também com contos e outras atividades. A partir de tudo isso, o processo interativo com as crianças com as oficinas de literatura poética e toda a criação dos produtos utilizados *in loco*, foi colhido todo o trabalho dessas práticas que serão, em parte primordial, a base descritiva do memorial com uma reflexão sobre essa relação da criança com o poema e com a literatura, vivenciada neste ambiente educacional.

Dos professores, mais especificamente a regente da turma na qual experienciei todo o processo de pesquisa, a vivência por meio das dinâmicas literárias (oficinas de literatura) e da coordenadora pedagógica da escola, buscou-se entender a dinâmica funcional da instituição no trato e uso da literatura e do poema por meio de atividades e ou projetos na escola, em salas de aula, e também a perspectiva destas sobre esse potencial, ainda pouco explorado em muitos ambientes de uma forma mais sensível (até nos livros didáticos, outro ponto também um pouco discutido).

É sabido por muitos profissionais da educação, pais e também pelos próprios estudantes, que a leitura é de fundamental importância para todo sujeito que deseja desenvolver-se e adquirir conhecimentos diversos. Só o fato de poderem ouvir histórias sendo contadas e ler alguma outra, inicialmente, é vivenciar e mergulhar em universos novos e cheios de surpresas que divertem, informam, comunicam e problematizam temas diversificados, abrindo camadas destes temas, quando trabalhados de maneira planejada.

3.1 POEMATIZANDO NA ESCOLA

A abordagem que os professores podem (ou poderiam) se utilizar com a aplicabilidade de poemas, tanto para o desenvolvimento do gosto e interesse do aluno pela literatura e leitura de forma reflexiva/atenta como para a própria apreensão de um determinado tema e desenvolvimento da escrita, é a de uma apresentação de forma criativa, dinâmica e lúdica, já que a própria leitura poética, em sua essência, também propõe isso.

Perceber que a sensibilidade e a ludicidade, por exemplo, na dança das palavras de um poema, podem de uma forma tão livre ir para além daquele momento vivido, chegando em dimensões em que essa limitação de pensamento onde apenas é possível aprender de uma forma, não existe. Há diversas formas de aprender, as crianças sinalizaram isso durante o exercício nas oficinas.

A paisagem que alcancei durante o trabalho realizado nas oficinas fez conexão com as falas das crianças presentes na tese *“Diálogos do Riso – Um campo aberto para repensar a arte e a educação”* (2020), exatamente no capítulo III, quando a autora conversa com as crianças sobre a experiência que elas têm com a literatura e a poesia. Como Lins (2020), pude ver e pensar os aspectos da sensibilidade, na expressividade que a mente propicia pela imaginação e por essa interação entre o real e o ficcional que a literatura apresenta, quando, por exemplo, observei na fala de uma das crianças, a relação criada entre a história lida e um acontecimento de sua vida.

Os poemas, trabalhados de forma oral e escrita, têm a força de poder apresentar às crianças de uma maneira comunicativa, peculiar e atrativa, conhecimentos variados e que elas conectam às suas experiências. Estes, podem também, contribuir para a apropriação da própria escrita e para o afinamento da oralidade/leitura dos estudantes. Pude conhecer uma experiência que aconteceu na Brinquedoteca Universitária Manoel de Barros, onde a partir das histórias o “Curumim que virou gigante” e “O presente de Ossanha” (de Joel Rufino), no projeto Histórias Contadas e Encantadas, as crianças interagiram com as frases: “a história parece comigo porque eu também quero uma irmãzinha”; “a história de Taumã é um pouco triste” (Lins; Lino; Matias; Maranatha, 2021: 29). Este tipo de interação aconteceu bastante nas oficinas literárias que desenvolvi no trabalho de campo com as crianças, quando por exemplo elas disseram: “na roça do meu avó tem árvore e é

tudo dele, ele que plantou”; “não tem como alguém ganhar um rio de presente”. Tais falas trazem/revelam essa constante relação que as crianças fazem com suas realidades, a comunicação e expressividade delas e a própria reflexão sensível sobre as histórias contadas.

Muitos profissionais da educação sabem, justamente por terem tido a experiência de uma prática pedagógica com o uso de poemas, da capacidade e possibilidade comunicativa que os mesmos têm para uma troca num processo de ensino e aprendizagem, fazendo com que os alunos apreendam de forma lúdica, problematizadora e contextualizada. O professor não deveria deixar de utilizá-los, tendo em vista que esta é uma forma e mais um recurso substancial na sua prática pedagógica.

O professor é um mediador do conhecimento, um comunicador que precisa estar atento aos caminhos que podem ser percorridos e utilizados na sua prática, sendo o poema e a literatura, mais uma possibilidade dentre várias. É perceptível o poema ser um dos textos mais distantes em sala de aula, por vários motivos, como por exemplo, as práticas utilizadas e até percebidas sendo vivenciadas de uma forma estritamente conteudista, visando apenas os aspectos gramaticais e textuais e esquecendo de todo um enorme potencial comunicativo e também de aprendizado através da própria experiência livre com a literatura e a poesia. E, para que o professor atinja seus objetivos quanto ao uso do poema e da literatura como uma linguagem comunicativa e lúdica importante no processo de aprender dos alunos, é fundamental que o(a) professor(a), além de tudo que já foi discorrido aqui, considere algumas questões salutaras neste trabalho. Pinheiro (2007, p. 26 apud SILVA, 2014, p. 4), revela algumas delas, quando sugere que:

A primeira condição indispensável é que o professor seja realmente um leitor, que tenha uma experiência significativa de leitura. Por experiência significativa não quer dizer ser um erudito, antes, alguém que embora tenha lido poucas obras, o fez de forma proveitosa. Conheça poemas centrais de determinados poetas, temas recorrentes, peculiaridades de linguagem. Tendo em vista a debilidade de nossa formação literária, não podemos ficar sonhando com um professor que conheça “tudo”, que saiba de cor dezenas de poemas. Se existir algum assim, é preciso que organize sua experiência para transmiti-la de forma adequada e eficiente a seus alunos. Um professor que não é capaz de se emocionar com uma imagem, com uma descrição, com o ritmo de um determinado poema, dificilmente revelará na prática, que a poesia vale a pena,

que a experiência simbólica condensada naquelas palavras são essências de sua vida.

O que Pinheiro evidencia é que, também, para que o uso de poemas seja feito de uma forma que dê resultados, é preciso que o professor conheça esse universo para que possa apropriar-se e vivenciar essa experiência plenamente com as crianças. A importância e compreensão de que a literatura e o poema valem a pena, serão mais facilmente percebidos, se o educador também abre espaço para se emocionar, sentir e viver aquilo que as palavras e histórias apresentam, assim como as crianças naturalmente se comportam diante desses textos. Talvez isso seja um dos passos primeiros – e internos - na contribuição para a quebra de uma percepção de que a leitura de poema e de literatura de uma maneira livre, não contribua para o desenvolvimento da criança.

Usar os poemas como recurso comunicativo que possa, de fato, potencializar a leitura crítica dos alunos e a escrita, faz-se necessário, como salientou Pinheiro, que o professor seja ao menos um leitor desse universo e um apreciador crítico de como a literatura poética pode proporcionar uma experiência significativa para os alunos. Sempre achei saudável a justa medida em muitas questões da vida, o equilíbrio, a capacidade de perceber que não existe apenas um caminho.

Adquirir o gosto e até mesmo hábito pela leitura é algo que, no âmbito escolar, pode ser aproveitado de inúmeras formas pelos professores para com seus alunos. E, a leitura literária, incluindo aqui a apreciação oral de poemas, também faz parte e pode ser um recurso excelente com potencialidades que muitas vezes não são usadas como poderiam na formação leitores de qualidade, isto é, críticos e capazes de experienciar a essência do que está sendo lido.

Uma leitura crítica que converse com a realidade e suscite pensamentos reflexivos nos alunos, é o tipo de leitura que devemos sempre buscar trabalhar. Freire (1989, p. 9) acentua que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele”, o que quer dizer que o ato de ler está para além da decodificação de um escrito, já que é importante a compreensão do que está sendo lido. Isso envolve a identificação das palavras, os sentimentos que estas podem mobilizar nas crianças, também o entendimento dos significados delas, mas principalmente o que o

escrito/texto tem de ligação com a realidade, a sua contextualização, para que possa fazer sentido.

3.2 O POEMA NA ESCOLA – O QUE DIZEM AS EDUCADORAS E OS LIVROS DIDÁTICOS

Tão interessante quanto a análise de um livro didático em si, seria saber de forma natural como a professora do quinto ano via a literatura e o poema nos livros didáticos, o tratamento que alguns destes livros empregam ao poema, literatura e o uso destes nas suas práticas pedagógicas, bem como saber também, a partir das falas da coordenadora, a visão da escola sobre a experiência com a literatura e o poema. Para tanto, foram realizadas entrevistas com a professora do 5º e com a coordenadora pedagógica da Escola Municipal Presidente Tancredo Neves, nessa intenção supracitada e que, pelas falas que serão apresentadas à frente, nos releva e reforça uma diversidade de aspectos aqui comentados.

Comumente e, as falas da professora e coordenadora revelam isso, o trabalho com a literatura e poema é reduzido ao ensino de rimas e aos aspectos tão somente gramaticais e de trabalho textual, quando não são utilizados de forma coadjuvante e sem uma mínima sensibilidade, comunicação e reflexão, deixando o aluno e leitor prejudicado por não vivenciar essa dimensão sócio-comunicativa-expressiva da literatura e poema. Não apenas a abordagem do livro didático em si, mas a forma como os profissionais podem utilizá-lo, é o que fará com que se releve a importância e objetividade que a literatura e poema têm na formação do sujeito como pessoa, bem como no aprendizado que o mesmo constrói nesse processo, não deixando de aprender e, pelo contrário, isto sendo feito de uma forma prazerosa, lúdica e comunicativa.

Alguns livros didáticos e, apesar de aqui não está sendo feita uma análise minudenciosa de um, trazem/fazem uma conversão equivocada de textos que são em prosa (narrativos) para textos em versos, metamorfoseando-os em um poema e, nesses aspectos estruturais do texto, propõe o trabalho. Não precisa ser negado o fato de que sim, a intencionalidade e abordagens dos livros didáticos quando trazem a literatura e poema são especificamente de aprendizagem do código escrito e da leitura deste código, de forma técnica, como a abordagem ortográfica, gramatical, da oralidade, etc. Tudo isso pode ser facilmente percebido quando feita de forma detalhada uma análise dos livros em si. Essa perspectiva única acaba reduzindo

bastante as possibilidades a partir da dimensão literária e poética que os textos podem ter, deixando de lado, também, toda capacidade de ser naturalmente uma forma prazerosa, de saberes diversos, e que desperte a vontade verdadeira e fundamental da leitura e todas as capacidades para a formação de vida que ela dá.

Os livros didáticos dão mais ênfase na abordagem de uma diversidade de poemas, porém no enfoque de gênero textual. A abordagem lúdica, comunicativa, expressiva e crítica nem sempre é posta à tona, sendo uma prática que desconsidera a exploração da riqueza da materialidade poética, uma vez que tais atividades comumente são utilizadas como argumento para trabalhar conteúdos outros, deixando de considerar a imensidão da poesia, literatura e, até mesmo, a voz da criança.

Observando as práticas, as falas das próprias entrevistadas e o que podemos ter acesso em pesquisas, torna-se ainda mais perceptível que alguns livros didáticos tendem – e, também, as abordagens metodológicas na prática pedagógica de alguns professores no uso do livro didático – a preocupar-se na formação de leitores que construam textos e deem respostas às questões elaboradas, fazendo com que o poema, a literatura sejam usados e vistos como tão somente instrucionais. Entretanto, a literatura está longe de ser informativa e instrucional, considerando que este não é o sentido mais completo que a linguagem literária carrega, como apresentam Wellek e Warren (2003), “a poesia tem muitas funções possíveis. Sua função primordial e principal é a fidelidade à sua própria natureza” (p.35), sendo esta em sua essência, a capacidade do fazer sentir e reconhecer-se aquele sujeito leitor.

A literatura e, também os poemas – e aqui coloca-se sempre essa especialidade do poema em separado, pelas suas características particulares à sua própria natureza -, para Wellek e Warren (2003), “tem seu lado expressivo; ela comunica o tom e a postura do falante ou escritor. E ela não apenas formula e expressa o que diz, mas também quer influenciar a postura do leitor, persuadi-lo e, por fim, modificá-lo” (p.15).

As dimensões comunicativa, expressiva e crítica que a literatura e os poemas têm e podem proporcionar às crianças, a partir delas mesmas e junto a elas, estão para além do código e do conteúdo, e é tão importante quanto, para a vida.

A seguir, teremos as entrevistas mencionadas e introduzidas nos parágrafos iniciais deste item.

Para a professora do 5º (quinto) ano, foi perguntado: “Você utiliza da literatura e da poesia/poema em sala de aula? Se sim, como você faz isso?”

Professora: “[...] estamos voltando de uma realidade de pandemia, as crianças estavam em casa e todos aqueles problemas que a gente já sabe, né, de dificuldade de aprendizagem, eles voltaram com um déficit muito grande, a gente tem que, meio que, além de dar conta das atividades programadas, seguir o guia, as habilidades da bncc, e alfabetizar, infelizmente é a realidade hoje de alguns quintos anos. E, eu tenho na minha prática trazido esses textinhos, poemas pequenos, com rimas pequenas, para que possam tá lendo e reescrevendo para que eles possam ser, de fato, alfabetizados, utilizando mesmo como recurso mesmo pra alfabetizar, mesmo no 5º ano. E os outros que já conseguem ler e escrever, com compreensão e interpretação, além mesmo de só leitura e compartilhar, socializar...livros, eu tenho pegado no pé da leitura, eu tenho feito fichas de leitura, diversos gêneros, poema, carta, notícia, eles levam pra casa e no outro dia eles tem que falar sobre o que leu e reescrever pra praticar a escrita [...]”

Pergunta 2: “Como, na sua concepção, os livros didáticos são usados – ou como você os utiliza – para o trabalho com a/o poesia/poema e com a literatura na sala de aula?”

Professora: “[...] o livro didático de português é dividido por gênero textual e, no caso, vai ter só uma parte assim, de poema, então no caso não tem muito, ele não traz assim muito aspectos literários, poesia não... tem a parte do gênero poema que a gente ainda não chegou por conta do guia da bncc...então...eu senti falta, inclusive, dessa parte, que eu gosto muito da parte de literatura, senti falta...é, não abrange muito...mas é como eu disse eu trago esses textinhos e livros paradidáticos complementares que eles levam pra casa pra fazerem a leitura e socializar o que eles leram, mas no livro em si, ele não aborda muito não aspectos literários...por gênero, temos hoje no quinto ano, ah, tem as tirinha, a gente está trabalhando anedota, tirinhas, cartoon...eu já dei uma olhada, tem notícia, reportagem, mas o livro por si só, não traz muitos aspectos da literatura não [...]”

Pergunta 3: “Você acha que os livros didáticos abordam de forma suficiente a literatura pra ser trabalhada na escola/sala de aula?”

Professora: “[...] *infelizmente não, não traz, tem que trazer textos complementares porque o livro didático não dá conta; não é como deveria ser na minha opinião; deveria ter mais textos...acho ainda um pouco superficial.*

Pergunta 4: “Você se considera uma professora/pessoa leitora de literatura/poema, etc.?”

Professora: “[...] *Sim, assim, eu me considero...até agora sim...a gente sabe, a gente sai da faculdade com toda essa idealização, né,...mas, quando a gente chega na escola a realidade é outra, e às vezes, por mais que eu queira, não é possível por todas as outras atividades que demandam mais atenção, como por exemplo, a questão da alfabetização do quinto ano...essa hoje é minha maior dificuldade mesmo, de inserir mais textos literários, dessa dificuldade mesmo pela demanda de atenção pra outras atividades...por mais que eu goste, que eu acredite que é algo que faz muita diferença se eles tivessem essa prática, mas por outro lado eu preciso atender o que mais ... nesse momento...alfabetizar mesmo [...]*”

Pergunta 5: “Você acredita que os livros didáticos permitem esse trabalho mais sensível, da literatura e da/do poesia/poema, de aprender a partir dessa sensibilidade, dessa comunicação? Ou você acha que eles visam um aspecto mais conteudista?”

Professora: “[...] *mais conteudista, com certeza...quando aborda pouco e quando aborda, apesar de eu não ter chegado ainda, porque eu já me adiantei trabalhar a parte de poema...eu estava até pensando agora em fazer o varal...varal poético...só que aí eu vi que ainda...a gente tem que seguir o guia...mas eu tive olhando as atividades, é...usa ali o poema, mas assim...eles perguntam a questão do “mais”, essas coisas assim...os conectivos...não é tanto...tem a parte de interpretação e compreensão, mas é muito pouco...então é mais conteudista mesmo [...]*”

Pergunta 6: “Os textos literários/poéticos presentes nos livros didáticos contextualizam e possibilitam a aprendizagem para além da questão ortográfica ou produção de textos?”

Professora: “[...] em algum momento sim, mas assim...de forma...o que predomina mesmo é a parte do conteúdo hoje no livro didático [...]”.

Em diversos momentos da fala da professora, ela revela muitas das questões levantadas e discutidas tanto neste trabalho como um todo, bem como discutido no início deste item referente, de forma básica, aos livros didáticos. A vontade de ter uma prática literária e poética muitas vezes é sufocada pelas demandas e burocracias no âmbito institucional escolar. E, quando é possível, geralmente não é visto como algo de fato primordial, deixando de lado e priorizando os aspectos técnicos do aprendizado da leitura e da escrita.

Seguindo com a entrevista, agora realizada com a/as coordenadora(s) pedagógica(s) da escola, fiz algumas perguntas semelhantes às feitas para a professora, porém com um escopo maior, uma vez que o intento era o de ver como a escola enxerga e aborda - e a visão da coordenação através de sua fala ajudaria - a literatura e poema naquele contexto escolar.

Pergunta 1: “A escola possui projetos e/ou atividades que se utilizam da literatura e do/da poema/poesia de forma específica? Se sim, quais e como funcionam?”

Coordenadora: “[...] a escola tem um projeto de leitura, não específico apenas à poesia, mas a gente trabalha os gêneros também e esses gêneros ao longo do processo...não de forma especificazinha, mas a gente acaba trabalhando no decorrer do ano...diversas turmas e assim a gente entende que essa leitura é importante, esse projeto de leitura potencializado dentro da escola, mesmo a gente não tendo esse olhar específico, mas a gente tem esse olhar macro, não só pra poesia, mas também pra todos esses olhares literários...as turmas, elas...a gente tem um dia na semana que as crianças elas leem diversos livros...diversos autores e toda turma...e no caso a gente ainda pede que seja feita uma atividade com essa leitura, no caso, é uma leitura prazerosa, mas ao mesmo tempo ela acaba sendo uma cobrança mesmo semanal.

Também tem a questão do compartilhar...eles levam para casa o livro, pra compartilhar com a família, pra trazer de volta uma devolutiva...que na verdade a vida escolar é assim...sempre tem uma intencionalidade, né...pode ser com a

literatura por prazer, mas também as vezes é pra trabalhar um conteúdo...o projeto existe e o professor é quem dá um sentido na sala de aula [...]”.

Pergunta 2: “De que forma a escola enxerga o uso do/da poema/poesia e da literatura na prática pedagógica com as crianças?”

Coordenadora: “[...] a gente vê como algo de suma importância. A poesia é um dos gêneros que devem ser trabalhados nas turmas...é importante porque é um gênero que tá em destaque, elas precisam se apropriar disso...mesmo que elas não saiam daqui poetas...mas elas precisam conhecer esse gênero.

Ele é tão interessante...esse gênero...ele expressa sentimento. Quando a gente vê alguém que gosta da poesia...ele lendo a gente consegue filtrar, sentir o sentimento do outro através da escrita.

Pergunta 3: “A escola vê a linguagem literária/poética como potencial comunicativo que de fato é capaz, também, de ensinar/aprender de uma forma mais livre, com apreciação, mais sensível?”

Coordenadora: “[...] eu acho que é possível...a gente tem um grande entrave que são as salas superlotadas...quando você faz hoje um trabalho de literatura, uma leitura prazerosa...muitas vezes o professor deixa de fazer por causar uma indisciplina tão grande, né...porque o aluno “ah, eu só vou ler...só vai ser a leitura, não vai ter ...”...e aí o professor mesmo como forma de controle, diz que vai ter uma atividade, que eles precisam ler, existe essa cobrança...mas que isso é culpa também do próprio sistema que superlotam as salas, que a gente não consegue das as condições necessárias que a gente desperte esse prazer na leitura sem essas cobranças, que muitas vezes são culturais, e às vezes a gente acaba engessando o trabalho e tirando o prazer e a beleza da leitura [...]

Pergunta 4: “A forma como os livros didáticos abordam a literatura e poema/poesia, a escola acredita que é suficiente pra trabalhá-los em sala de aula?”

Coordenadora: “[...] os livros didáticos mais atuais estão mais voltados pra bncc...eles trabalham as habilidades que devem ser trabalhadas, então não é mais aquele livro didático que nós estudamos...ele vem com uma roupagem diferente, mas aí vai do professor compreender e colocar isso em prática. O professor pode transformar essa fermenta num aliado [...]

Pergunta 5: “Vocês acham que esses livros didáticos trabalham especificamente o poema/literatura de uma forma mais sensível, comunicativa, contextualizada e menos conteudista?”.

Coordenadora: “[...] eu acho que o livro didático mesmo trabalha de forma conteudista...é de praxe conteudista, ali ele vem mesmo somente pra atender o gênero, interpretação daquela poesia, eu acho que é com essa visão mesmo conteudista. Mas assim, existem formas de se trabalhar isso na escola...o professor pode dar esse olhar, ele vai dar esse tratamento [...]”.

Tão semelhante às falas da professora, são alguns dos pontos revelados nas falas da coordenadora pedagógica da escola que, entende, pelo que diz, do poder e da importância que a abordagem literária e poética nessa outra dimensão, não fechada e técnica, possuem. Afirmam, assim como a professora, sobre a tecnicidade não ser somente dos livros didáticos e, pontuam que para efetivar uma dinâmica outra, é o professor quem deve dar um “tratamento” na sua prática em sala de aula.

Dessas entrevistas, em cada resposta, que sustenta, corrobora e apresenta o que de fato acontece no dia a dia da escola pelas vozes de quem vive a escola e todos os seus protocolos, mostrando como de fato há uma dificuldade por não entender a importância ou por não privilegiar; portanto, por não ter consciência da literatura e do poema como uma linguagem expressiva transformadora de vidas e construtora de saberes, sim, mas essencialmente de prazer.

4. A ALMA DA PESQUISA: CONVIVÊNCIA E OFICINAS POÉTICO-LITERÁRIAS NA ESCOLA COM AS CRIANÇAS

Este espaço/momento da pesquisa foi criado para a experimentação de um dos produtos autorais elaborados e trabalhados com as crianças durante as oficinas, a saber, o livro infanto-juvenil “*Pedrinho e seu livro: viagens e aventuras*” (2021) e, também, para apresentação do volume 2, “*Pedrinho e seu livro: ressignificando o mundo*” (2022), produzido pós vivências das oficinas como resultado reflexivo a partir do que foi experimentado e observado nesse momentos. As oficinas aconteceram, também, com a leitura e apreciação de contos de outros autores, além do produto de minha criação, supracitado, que deu abertura aos momentos.

As experiências vivenciadas com as oficinas na escola Tancredo Neves, instituição que, reitero, fez parte do meu início de vida estudantil, bem como ainda

faz parte, agora com a realização dessa pesquisa e dos momentos que ficarão na memória, foram da melhor forma possível relatadas/descritas aqui nesse trabalho.

Foi pensado e planejado para que as oficinas, entrevistas específicas e convivência na escola acontecessem no período de uma semana e, assim se deu. Os dois primeiros dias foram de convivência na escola e o restante dos dias foram realizados e vivenciados os momentos das oficinas, e a realização de entrevistas com a coordenadora e professora no último dia desse período estabelecido.

Para o primeiro dia, a ideia era (e foi) a de criar essa proximidade com a escola, seus gestores, a professora da turma específica onde este trabalho foi realizado e, especialmente, com as crianças do 5º ano para quem as oficinas e todos os outros momentos foram pensados e vividos.

Nesse período inicial de convivência, que durou dois dias na escola, foi feita uma observação ativa dentro da sala de aula e na instituição de modo geral. No trabalho de planejamento prévio de cada dia, pensei com bastante sensibilidade sobre a forma que eu poderia até apresentar-me para as crianças. Já que foram dois dias dedicados para convivência e proximidade natural dos alunos comigo, nesse período de observação já se fez presente uma interação com as crianças, o que foi talvez uma prévia do que seria a semana de intervenção com as oficinas.

Preciso, antes de descrever/relatar detalhadamente, desde os primeiros dias de convivência, passando pelas oficinas de literatura (que por sinal foram riquíssimas), acentuar o fato de que a escola, já no meu primeiro contato para propor o desenvolvimento da pesquisa, foi completamente hospitaleira, aberta e bastante interessada na temática da pesquisa. Isso, ainda mais quando tive a chance de mencionar que fui um dos alunos da escola e que estava voltando ali, não só pela pesquisa e importância discursiva e prática de tudo isso que venho expressando, bem como pela ligação afetiva que possuo com a escola e pela vontade de, mesmo que minimamente, retribuir um pouco daquilo que na gênese de minha vida escolar, foi dado a mim.

Ao chegar à escola para esse primeiro dia, dos 7 (sete) dias planejados, marcados para o período da tarde - início das aulas a partir das 13h -, direcionei-me para a sala da coordenação, onde as coordenadoras sempre estiveram solícitas para dar todas as informações que procurei. Também sempre estiveram dispostas a

levar-me em todos os ambientes da escola, para disponibilizar material necessário se eu viesse precisar e para, como aconteceu no primeiro dia de convivência, conduzir-me à sala de aula e às crianças que teriam comigo esses momentos abertos de diálogo com e a partir da literatura e poemas, de forma sensível, expressiva, comunicativa, onde eles pudessem com seus próprios olhares, exporem suas sensações, sentimentos e inquietações surgidas naqueles momentos de contato mais próximo com os livros.

Pensando nisso, após falar meu nome, apresentar um pouco das ideias do projeto que iria realizar na escola com eles, expor um pouco sobre o que poderíamos e iríamos fazer (vale ressaltar que em todo o tempo, fiz questão de mostrar para todos eles que havia uma abertura natural para que pudessem falar, perguntar, refletir, sem medos. E sempre que não o faziam tanto, tentei estimulá-los para isso), pensei que poderia realizar algumas dinâmicas lúdicas, interativas, que criariam essa aproximação de uma forma que não fosse apenas observatória. E, cabe frisar, todas as dinâmicas planejadas, criadas, pensadas e aplicadas ou realizadas com as crianças, foram sempre direcionadas ao universo da literatura e poemas, temática e proposta que busquei explorar ainda mais além das próprias oficinas.

Nesse primeiro dia de convivência, após ter falado um pouco sobre todas as questões supracitadas, perguntei para as crianças se elas conheciam o Cordel. Muitas afirmaram que sim, já tinham ouvido falar. Mencionaram até o que chamaram de “livrinhos coloridos”, certamente referindo aos folhetos de Cordel. E outras crianças disseram que não sabiam exatamente o que era. Antes que eu falasse qualquer coisa, fui até a minha mochila, onde trazia poemas, contos, literatura de cordel e diversos livros de literatura infanto-juvenil,¹ apresentando-os para eles, em todos os dias durante os dias em que fiquei na Escola; sempre deixando-os expostos a todas as crianças.

De dentro da mochila retirei um folheto amarelo de Cordel e entreguei nas mãos deles para que pudessem olhar, tocar, folhear e ir passando para o colega ao lado para que todos pudessem ter tido a chance de ver de perto um produto literário

¹ Além do livro Reflorescer Poético: um novo jeito de enxergar o mundo (2020); levei também Deixa que eu te conto (2002); A graça da coisa (2015); O mundo inteiro (2013); Mamãe, por que os dinossauros não vão à escola? (2010); Pedro vira porco-espinho (2017); Quero colo! (2016); E o dente ainda doía (2012); Poeminhas da Terra (2016) e Selou e Maya (2016).

popular e poético. Enquanto eles viam, eu fui falando sobre o que era o Cordel, de como ele também faz parte da literatura e como é poético e lúdico, bem como muitas vezes engraçado. Eles devolveram-me o folheto e, como em várias outras vezes e momentos nos dias seguintes, perguntei se alguém ali na sala de aula desejaria ler o Cordel ou apenas parte dele, até mesmo um ou dois versos (frases).

Observei muitos rostos apreensivos, outros aparentemente animados desejando ler, porém com timidez de fazê-lo na frente dos colegas. Falei que ficassem à vontade, pois não precisava ter vergonha, mas que os que de verdade tivessem vontade de ler, fosse na frente da sala ou no seu próprio lugar, que fizesse, pois todos ali estavam para ajudar. Foi já nesse momento que iniciou uma pequena inquietação e falação entre eles. Infelizmente, e como estudante de Pedagogia nas experiências em outras escolas, também nesses períodos de 4º e 5º anos, pude perceber (depois a professora confirmou) que muitos alunos não sabiam ler, nem escrever até mesmo o próprio nome, como não foi algo incomum de eu perceber em alunos dessas turmas em algumas escolas. E nem estou mencionando o agravante do período pandêmico, que acentuou a gravidade dessas questões de leitura e escrita das crianças.

Contudo, isso não fez-me mudar os planos, apenas adaptá-los em algumas situações, mas não excluindo ou dando atenção apenas para os que já tinham uma leitura e escrita desenvolvidas. A ideia, e eu sempre busquei deixar bem claro para eles, (e repeti sempre) é que estávamos ali para vivenciar momentos mais livres, sem cobranças ou imposições de se aprender algo em específico, mas que fosse interessante para todos. Que estávamos ali para adentrar no universo dos livros com a literatura, os poemas, os contos, etc.

Um dos alunos (as crianças não serão identificadas pelos seus nomes, então serão chamadas, em alguns momentos, pelo nome de algumas flores), nesse momento em que convidei que fizessem a leitura do Cordel, ou parte dele, falou:

Rosa: *Eles não sabem ler, só a gente (apontando pra si e outros colegas) é que “sabe” ler, a professora sempre chama a gente.*

Margarida: *Eu leio um pouco, só que tenho vergonha.*

Questionei mais uma vez quem de fato iria ler, pois a gente ia dividir uma parte do Cordel entre os que desejassem e conseguissem ler para os colegas, e

após isso eu iria declamar o Cordel para todos mergulharem na história e, quem se sentisse à vontade poderia falar o que sentiu sobre a história, o que percebeu, o que desejava falar sobre. Duas crianças levantaram a mão, as mesmas que desde a primeira proposta se colocaram com bastante vontade; então convidei para que viessem à frente de todos, caso desejassem, e lessem para si e para os colegas também ouvirem.

Após as duas crianças terem lido, dividido uma estrofe, declamei o Cordel e entramos então numa conversa coletiva sobre o que foi lido, sobre o que eles desejariam falar a respeito. O título do cordel é: *“O Matuto que Comprou uma Passagem pela Internet”*, do professor universitário e autor de vários cordéis, Anaelson Leandro. Discutimos sobre os perigos e benefícios da internet, como ela é boa ou ruim a depender de como a usamos, etc. Sempre busquei deixar com que eles se sentissem à vontade para falar tudo e qualquer coisa que sentissem ou percebessem a partir daquela leitura feita, seja por eles ou por mim.

Assim que vivenciamos essa dinâmica com o Cordel, já trazendo para elas as ideias e, ouvindo também as crianças e o que para elas é poema, literatura, contos, etc., todos tiveram a chance de se apresentar, dizer o seu nome e, junto com o nome, eu pedi para que cada criança falasse aquilo que mais gostava de fazer na vida. Todas essas informações serviriam para que eu produzisse um material poético escrito para apresentar no dia seguinte a eles, isto é, o segundo dia de convivência na escola.

Quando perguntei para a turma sobre poema e literatura - depois do momento com o Cordel e as apresentações pessoais de cada um e também a fala daquilo que eles mais gostavam -, obtive algumas respostas bastante interessantes e que, dão base para o cerne discursivo de toda essa pesquisa que caminha por uma dimensão mais expressiva, lúdica, comunicativa, que também prestigiam o ensino e aprendizagem, mas que o conteúdo não é e nem foi o foco dessas vivências. De algumas respostas, eu destaquei as seguintes falas:

Violeta: *“poema é engraçado, divertido. Pode fazer a gente se emocionar às vezes”.*

Orquídea: *“poema tem umas rimas. Literatura eu não sei o que é”.*

Violeta: *“tem texto de poesia que é difícil de entender, mas eu acho bonito”.*

Pesquisador: *“Vocês acham que esses livros que eu trouxe e que vocês estão vendo aqui, são livros de poemas ou de literatura?”*

Alguns alunos: *“os dois”. “poema”.*

Pesquisador: *“Isso! aqui nós temos livros de literatura de vários tipos, como contos, o próprio cordel; e tem também os poemas, que tem esse jeitinho dele mais engraçado, que pode nos causar várias emoções, sentimentos... que tem essa questão, também, das rimas, como o colega falou”.*

Após ficamos um bom tempo falando sobre o que era literatura, poema, livros de literatura, prometi que no decorrer dos próximos dias em que eu voltaria para a escola para vivenciarmos as oficinas juntos, se possível fora da sala de aula, num lugar diferente, eu traria vários livros de literatura e também alguns poemas para que todos pudessem ler, ouvir, conhecer de perto como existem muitos tipos dentro do universo gigante da leitura que toca dentro da gente, que faz a gente enxergar-se e conhecer um pouco, a partir de nós mesmos, as coisas a nossa volta e, com isso, com essas sensações, sentimentos, expressividades, conseqüentemente vamos aprendendo, discutindo, refletindo sobre a vida e suas ramificações.

Para o segundo dia na Escola Tancredo Neves, ainda nesse período de dois dias reservados para convivência, aproximação, observação das crianças e do ambiente, continuei com a mesma intenção que era a de ir para além de apenas sentar e observar as coisas acontecerem. Sendo assim, já no dia anterior, e observando e pensando em tudo o que tinha vivenciado – e bastante feliz com isso, pois estava tendo a chance de levar os livros, a literatura de uma forma outra, a partir de uma outra perspectiva, para as crianças –, comecei a planejar o que faria nesse mais um dia de convivência. Seguindo o mesmo pensamento, planejei e criei algumas atividades onde estaríamos sendo envolvidos, eu e as crianças, em momentos de leitura de livros infantis, de contos (e isso faria com que eles chegassem para os momentos das oficinas um pouco mais inseridos), declamações e sempre a cada atividade realizada, um momento para falarmos o que sentimos daquilo que foi feito.

Ao chegar à instituição, fui até a sala de coordenação perguntar a uma das gestoras se, na escola, tinha disponível o aparelho de projeção de imagens (Datashow) para que eu pudesse apresentar em um dos momentos das dinâmicas

realizadas por mim em sala, um curta-metragem sobre o universo dos livros. Prontamente, como desde o primeiro dia, a coordenadora afirmou que a escola possuía o aparelho e logo separou para que eu pudesse utilizá-lo em sala. Acentuo também a disponibilidade e abertura da professora em sala que, deixou com que eu usasse de forma livre o tempo que eu precisasse, pois, nas palavras dela, proferiu: “acho importante ter esses momentos de leitura mais livre”.

No processo de instalação do Datashow em sala, algumas crianças já ficaram curiosas querendo saber o que seria exibido ali e, as mais extrovertidas, logo se colocaram a perguntar se iríamos ver um filme do cinema. Falei para toda a turma que sim, iríamos ver algo de cinema (mas não necessariamente do cinema), que é, assim como a literatura, uma das formas também artísticas de expressividade e comunicação. O curta-metragem animado exibido para as crianças chama-se “*Os fantásticos livros voadores do Sr. Morris Lessmore*”. De maneira geral, esse curta toca em diversos aspectos sobre a importância dos livros e da leitura de modo a estimular a imaginação; é um tributo à leitura, às histórias bem contadas, à tentativa de despertar a criatividade e novos olhares sobre esse vasto universo dos livros. Um curta que, se bem explorado, pode ser uma chave motivadora não só para as crianças, mas para todos que puderem assisti-lo.

Assim que o curta foi exibido para as crianças e, como sempre, antes de ponderar ou falar qualquer coisa, pedi (como em todas as outras dinâmicas e também nos momentos de leitura nas oficinas dos dias seguintes) para que, os que desejassem, falassem algum ponto do filme que chamou mais a atenção, ou que achou estranho, ou que ficou curioso, ou até mesmo algum trecho do filme que os fez sentir algo, seja bom ou ruim. A turma não era muito de falar, por timidez e pelos motivos que cada um tem para não se sentir à vontade para dizer algo, mas sempre tinha alguns que queriam falar e participar de tudo que fosse colocado e até perguntado, até mesmo se oferecendo pra falar.

Alguns destacaram uma parte do curta onde o personagem principal começa a voar (literalmente) sendo puxado por alguns livros. Questionei aos que destacaram esse ponto o porquê que mencionaram aquele trecho. Uma criança respondeu: “quando a gente lê algumas histórias, a gente se sente lá dentro”. Questionei se a leitura de livros era capaz de nos fazer voar (não de verdade, ponderei), mas por meio da nossa imaginação, sensação. E prontamente eles disseram que sim. E daí

em diante continuamos conversando sobre vários trechos que eles acharam curioso e destacaram sobre.

Após esse momento de exibição e conversa sobre o curta-metragem, falei para eles que tinha escrito um Poema de improviso em casa, bem rápido, resumindo o que tínhamos vivenciado no primeiro dia e, mencionando, algumas coisas que eles mesmos disseram quando pedi para que cada um, no dia de sua apresentação pessoal (primeiro dia na escola), dissesse o que mais gostava de fazer.

Quero deixar marcado aqui e enfatizar bem que, cada atividade, dinâmica, proposta, nesses dois primeiros dias de convivência que antecederam os dias de oficinas, foi pensado e planejado e não feito de forma aleatória; contudo, quero enfatizar também, que todos esses momentos foram livres, com o intuito de que sentissem de fato um conforto e a vontade de comunicar-se e vivenciar essas atividades com prazer; por isso em todos os dias na escola, sempre busquei levar livros e deixá-los sempre disponíveis para que tivessem acesso e pudessem olhar e ler quando quisessem.

Dito isto, retirei da mochila o poema/cordel improvisado muito rapidamente e declamei para a turma. Diz o poema:

“Ontem aqui bem cedo
Teve algo diferente
Nessa escola chamada Tancredo
Apareceu rapidamente
Um sujeito todo de preto
Trazendo dentro do peito
Poesia para a gente

Falamos sobre poema
E também literatura
Dissemos o nosso nome
Faltou só falar a altura

Em momento de descontração, tentamos adivinhar minha idade
Ganhei 10, 25 e um monte de 18

Mas somente um aluno
Acertou que sou idoso
No meio de tanta gente
Bem alto, único número diferente
Ele disse: vinte e sete

Conhecemos o Cordel
Que é Literatura e Poema
Descobrimos o que o colega gosta
Foi interessante essa cena
De bombeira à desenhista
Jogador de *FreeFire* e futebol
Vi um monte de artista
Tem até os que dão “grau”

Poesia e Literatura ensinam
Não somente conteúdo
Elas tocam dentro da gente
Nos apresentam um mundo
Sorrindo, brincando, sentindo
Os livros podem ser bons amigos
Seu fosse vocês, lia muito.
(Autor: Rafael Santana, 2022)

Fiz questão de escrever na íntegra esse poema neste memorial/pesquisa pelo fato de que, primeiro, foi algo sobre o que as próprias crianças vivenciaram e algo que elas, ainda que sem saberem e indiretamente, ajudaram a compor, quando lá no primeiro dia falaram sobre seus gostos e eu fui gravando na mente. E, não apenas por isso, mas também, pelo fato de que esse simplório poema, feito muito rapidamente, gerou uma diversidade de sentimentos e sensações durante a leitura e após a leitura dele.

As crianças riram em certos momentos, afirmavam um para o outro (e pro professor, como me chamaram) que aquela parte era sobre eles, sobre o que eles

disseram e, sem esperar, dentre aquelas crianças que aqui já mencionei que eram bastante ativas em participar, uma delas falou que também escrevia. A partir daí, e após conversamos um pouco sobre o poema/cordel que construímos juntos e sobre o que vivemos juntos, passei a direcionar a conversa para essa criança que mencionou que escrevia, porém dando atenção a toda a turma e trazendo todos eles para atenção à colega que falava.

Fiquei sinceramente feliz e parabenizei a criança por isso e, para tentar trazer mais da fala dela, perguntei sobre o que ela escrevia, por que escrevia e se fazia isso pelo fato de que sentia algo e colocava no papel ou apenas por gostar, ou os dois. A criança, bastante comunicativa, disse que a mãe costumava anotar coisas do dia dela num diário e ela pegou o mesmo gosto; mas que gostava de escrever coisas que ela sentia, porque gostava de deixar guardado.

Perguntei para a criança se ela tinha o desejo de ler algo que escreveu em algum momento nos próximos dias para os colegas, algo que ela gostasse bastante. Ela disse que tinha um texto, “tipo um poema”, como ela afirmou, no caderno. No mesmo instante falei que se fosse da vontade dela, que lesse para que pudéssemos sentir um pouco daquilo que escreveu. A criança leu o poeminha dela, aplaudimos, eu a incentivei a continuar - caso fosse algo que ela gosta, sente -, e abranji isso para toda a turma.

Foi um momento marcante, inesperado e, importante não apenas para a reflexão desta pesquisa/memorial descritivo, mas também para entendermos que quando fazemos algo sem as “rédeas” da obrigatoriedade de relacionar a leitura, literatura ao aprendizado de um conteúdo específico, também somos capazes de nos expressar e concomitantemente aprender, refletir.

Em seguida, ainda na mesma tarde, passamos para a próxima dinâmica neste segundo dia de convivência, repleta de literatura e poesia. Criei um jogo que nomeei de *Quebra-Cabeça de Palavras*. Expliquei para a turma como seria realizada a dinâmica, porém não contei qual seria o objetivo final, apesar de que havia várias intencionalidades e possibilidades do inesperado no decorrer do processo.

Preparei essa dinâmica no dia anterior e, o Quebra-Cabeça de Palavras foi baseado em um Cordel/Poema de autoria minha, chamado “Cordel do Coronel Vírus” e publicado no livro *Reflorescer Poético: um novo jeito de enxergar o mundo*

(2020), no qual eu sou um dos autores. Este mesmo livro também esteve presente em todos os dias na escola e também em cada dia de oficina como mais um material entre todos os que fiz questão de deixar acessíveis às crianças. Este livro também já foi utilizado em outras dinâmicas, também com crianças, em estágios supervisionados.

Peguei o cordel de minha autoria, que é composto por 5 estrofes (cada uma com seis versos; 30 versos no total) e escrevi cada verso numa tira de papel, criando 30 tiras de papel, cada uma com uma frase/verso do Cordel. No fundo de cada uma dessas tiras de papel eu coloquei um número, que ia do 1 ao 30, que é a quantidade de versos existentes neste poema. Dobrei cada uma dessas tiras (com a frase na frente e um número atrás) e coloquei dentro do Copo Mágico – nome que dei ao objeto que serviu de suporte para o sorteio dessas frases para cada criança.

Na sala, após fazer toda a explicação, dizendo que cada um deveria colocar a mão no Copo Mágico e pegar uma tira de papel, iniciamos. E assim foi feito com a quantidade de crianças ali presentes. Nessa dinâmica, eu e também a professora participamos; e algumas crianças ficaram, por escolha delas mesmas, com mais de um verso.

Quando todos tinham sorteado uma frase, pedi para que desdobrassem a tira de papel e observassem que havia um número ao fundo dela. Eu já sabia que muitos alunos ali tinham dificuldade de leitura ou até mesmo não sabiam ler absolutamente nada. No entanto, eu não os excluí da dinâmica e agi como mediador, ajudador para cada um desses que possuía dificuldade.

Fui chamando um número por vez, em ordem crescente, 6 números em cada rodada. Até então eles não sabiam sobre o livro e sobre o poema de minha autoria que, nesta dinâmica, eles estariam lendo e construindo, sem sequer perceberem no momento. Então vieram as 6 primeiras crianças – com os 6 primeiros números que representavam os 6 primeiros versos que compunham uma estrofe. Elas vieram à frente da sala, se colocaram lado a lado, pela ordem numérica, e cada um na sua vez, lia a sua frase em voz alta e ao término das 6 frases lidas, essas 6 primeiras crianças tinham lido e montado/construído uma estrofe do cordel. Para as crianças que não sabiam ler, pedi para que o colega daquela rodada ajudasse ao amiguinho na leitura, falando a frase para que ele pudesse pronunciar em voz alta; e quando

não era possível o colega ajudar, eu ia lá e apoiava, mas não deixei ninguém sem participar.

E assim continuou a dinâmica, de 6 em 6 alunos, indo à frente da sala, lendo cada um sua frase/verso, que por fim montaria uma estrofe. Após todas as 5 estrofes lidas e montadas por eles, eu peguei o livro *Reflorescer Poético*, onde está presente esse meu cordel, e falei para eles que todas aquelas 30 frases/versos, 5 estrofes que juntos eles tinham lido, era um poema presente no livro e que eles tinham acabado de lê-lo por inteiro e aprendido como é a organização de um cordel.

Todos se puseram em seus lugares, aplaudimos a turma e logo em seguida fiz a leitura na íntegra daquele poema/cordel que eles tinham montado e lido. E, como em todas as atividades, após a leitura feita, abrimos para que pudessem falar o que sentiram, observaram a partir da leitura daquele texto, e assim discutimos sobre a temática, que era relacionada à pandemia.

Para finalizar o segundo dia de convivência cheio de dinâmicas, fizemos um círculo e então li para eles um Conto chamado “O Leão”, de Dalton Trevisan (2002). Lemos, conversamos sobre o pequeno conto e fechamos aquele dia mergulhados em livros/histórias e sentimentos, ao mesmo tempo que muitas conversas foram realizadas. Antes de eu ir embora, a professora da sala veio até mim e falou que tinha amado a tarde e que gostou especialmente da dinâmica do Quebra-cabeça de Palavras e que iria utilizar sempre que possível.

Esses dois dias de convivência com as crianças foram muito participativos por parte delas e, apesar das dificuldades tantas e da individualidade de cada sujeito ali presente, serviu para criar essa aproximação, trazê-los para a ideia da minha presença ali e utilizar o tempo de forma proveitosa e aproximada das crianças; e como seio de uma práxis natural e comunicativa, não apenas pelas palavras proferidas, mas também por aquelas não ditas, mas anunciadas pelos comportamentos e expressões das crianças.

Então, os próximos dias, como foi traçado no roteiro de pesquisa na escola, foram dedicados às vivências das oficinas literárias com o livro-produto autoral “Pedrinho e seu livro: viagens e aventuras” e contos de outros autores.

A essência das oficinas não esteve em nenhum momento focada ou intencionada a ensinar algum tipo de conteúdo por meio dos poemas e contos, mas

sim na vontade de que as crianças vivenciassem ali, à sua maneira, pelos seus olhares, com seus sentimentos, o que as leituras provocavam, para que elas saíssem felizes, também. Não focamos em aprender tecnicamente os temas presentes nos contos e poemas, e sim no fato de eles experimentarem esses contos, poemas, livros, e que ainda assim, sem forçar aprendizados, todos ali também iam aprendendo algo. A leitura, seja ela feita pelas crianças ou pelo educador ali presente, no caso eu, foi especialmente realizada pela forma que a criança em sua individualidade, recebe e expõe suas questões e sensações; isso é indubitavelmente feito pelas próprias crianças, que também constroem suas próprias aprendizagens nesse processo, sendo isto um acontecimento particular de cada sujeito.

A turma tinha uma grande questão que está presente em muitos 4º e 5º anos nas escolas, que é a alfabetização precária. Por isso, muitos ali (e pude notar a quantidade por causa de algumas dinâmicas que realizei com eles) não sabiam ler e escrever. Claro, porém, isso em nada era ou foi motivo que atrapalhasse, afinal a proposta tanto das oficinas como a das dinâmicas que propus nos dois primeiros dias de convivência, requeriam apenas os sentimentos e as percepções deles sobre o que foi lido, uma vez que tudo foi feito de forma muito livre e natural, sem a necessidade de uma devolutiva por escrito, mas que se tornasse uma oportunidade de expressão.

A turma não era, de modo geral, um grupo comunicativo, falante, mas sempre busquei em cada momento das oficinas - especialmente quando via que eles estavam querendo falar, mas tinham seus bloqueios de timidez -, levantar questões sobre os livros/histórias lidas, estimular eles a falarem o que sentiram após a leitura. Houve alguns alunos em especial, de onde eu destaquei algumas falas e, com os quais eu tive uma boa surpresa, como por exemplo quando uma criança disse que amava escrever (além de desenhar) e que queria levar um poema dela, texto dela, para ler. E assim foi feito. E, neste memorial, fiz questão de adicionar esse poema na íntegra, trazendo as minudências que suscitam com essa experiência.

A turma tinha uma criança especial (autismo), como disseram e afirmaram os coordenadores e professora, e que em algumas oficinas exigiu mais atenção, digamos, pois era uma criança que sempre intervia bastante – no sentido de hiperatividade -, mas que eu não deixei que tirassem ele desses momentos nas oficinas (pois queriam), pelo contrário, coloquei ele perto de mim e fiz questão de,

mesmo sem saber ler, que ele lesse comigo para todos os colegas - com microfone e tudo mais - a partir das imagens do livro *Pedrinho e seu livro: viagens e aventuras (volume 1)*, que é, inclusive, um dos produtos desta pesquisa. E, ele leu as imagens, falou o que via, e foi bem legal. A gestão da escola elogiou o fato como eu conduzi tudo isso e, nos dias finais das oficinas, ressaltou que a escola está aberta para esse e quaisquer outros projetos de leitura que eu quisesse realizar.

A turma não era muito comunicativa, como disse, além de algumas crianças mais participativas e falantes. Algumas sabiam ler e ficavam dizendo que elas sempre eram as que liam para todos (e que a professora chamava só eles), porque muitos ali não liam (e em todo momento eu não fiquei apenas focado nessas crianças, sempre busquei especialmente o grupo, puxar sempre os mais “do canto” e os mais inquietos, como dizem). Fiz ao máximo a busca pelo envolvimento de todos. Esse foi um motivo que, não direi que dificultou, mas que requereu eu estar sempre estimulando com mais ênfase o diálogo sobre a leitura feita e o que eles poderiam expressar sobre. E, outro ponto, é que no decorrer dos dias que eles ficaram mais acostumados, já que não ficamos em sala de aula, alguns começaram a ficar mais inquietos e perder mais o foco dos primeiros dias, contudo, eu sempre busquei, por meio das brincadeiras que faço, tentar manter um ambiente minimamente legal para que todos aproveitassem aquele tempo e, aparentemente, incomum na escola nos aspectos filosófico, expressivo, comunicativo, lúdico e sensível.

Tivemos acontecimentos muito salutares, como já foram apresentados aqui. As crianças amaram o livro *Pedrinho e seu livro: viagens e aventuras (2021)* (um dos produtos deste trabalho). Ficaram até surpresos porque fui eu quem escrevi e, pelo fato de eles estarem falando com uma pessoa que “fez um livro”, como disse uma aluna.

Segundo algumas crianças, nas conversas que tivemos, o conto/texto de Clarice Lispector, sob o título de “Como Nasceram as Estrelas” (2011) e o de *Pedrinho e seu livro: viagens e aventuras (volume 1, 2021)*, foram os textos, momentos das oficinas que eles mais gostaram. Os contos de Manoel de Barros causaram, digamos, uma certa estranheza neles de maneira geral. Foram os contos que ao serem lidos - e ressalto que sempre antes de eu fazer a leitura, eu apresentava a oportunidade e convite de que quem quisesse ler para todos, que

lessem, e aí depois eu faria a leitura -, trouxeram essa estranheza no sentido de algo bastante diferente do que eles já tinham ouvido.

Logo ao ler eu percebia as expressões de, vou chamar ainda de “estranheza”, nos rostos deles, pelas palavras diferentes ali pronunciadas e pelo texto ter essa dinâmica poética talvez não comum aos ouvidos deles e que, segundo os próprios, foi mais "difícil de entender" ou "como que a tarde corre atrás de um cachorro?"; e de outros dizerem que "isso é poesia". Consegui sentir essa estranheza neles no tempo em que lia, e busquei explorar isso.

Seguindo a rota do planejamento para aquela semana na escola, após os dois dias de convivência, tivemos os dias das oficinas. Foram 4 dias de oficinas e para cada um desses dias foi reservado um tempo entre 50 minutos a 1 hora em que, dentro desse tempo, vivenciamos a partir dos Contos e Poemas, as sensações, sentimentos, comunicação e expressividade crítica e reflexiva natural da crianças, que neste processo livre e vivo, eles construíam e buscavam – afinal sempre há questões levantadas – seus próprios conhecimentos e saberes novos pra vida.

Foram pensados para esses dias de oficinas, alguns Contos de Manoel de Barros, Clarice Lispector e, com o maior privilégio e prazer do mundo, um livro que foi total e exclusivamente feito para estes momentos e para este projeto, que é o livro infanto-juvenil de minha autoria, chamado *Pedrinho e seu livro: viagens e aventuras* (2021), obra que é um dos produtos deste trabalho/memorial. Os contos/poemas escolhidos, entre os diversos selecionados, foram: “Bocó”; “O menino que ganhou um rio”; “Delírios” (Manoel de Barros, 2006); “Como nasceram as estrelas” (Clarice Lispector, 2011) e o livro-produto deste trabalho *Pedrinho e seu livro: viagens e aventuras* (Rafael S. S., 2021).

Os dois primeiros dias de convivência foram fundamentais para as oficinas, pois também permitiram que eu conhecesse minimamente a postura da turma como um todo e um pouco das crianças. E, por isso, antes de cada oficina, de adentrarmos de fato na leitura dos contos e ou poemas escolhidos para serem trabalhados – lidos por eles e por mim e logo após conversado sobre –, eu procurei apresentar, de forma breve, alguns outros livros especificamente infantis (um em cada dia) e dividir ou pedir para que uma ou mais crianças pudesse ler para os colegas e falarem o que sentiram, observaram, etc.

Para criar um clima diferente do cotidiano da sala de aula que eles têm, num ambiente outro, o mais confortável possível, eu perguntei às coordenadoras se havia um espaço onde essas oficinas pudessem ser realizadas, que não fosse a sala de aula deles. Elas apresentaram-me alguns ambientes, e então decidi ficarmos com um espaço onde futuramente será uma sala de informática/biblioteca e que, inclusive, havia vários livros didáticos, paradidáticos e infantis encaixotados e espalhados.

Ainda em casa, fiquei pensando em algumas formas de transformar as oficinas no momento mais lúdico e prazeroso possível, para que pudessem focar e desfrutar ao máximo - sem tantas distrações - dos momentos de leitura e diálogo. Assim sendo, pensei junto com uma das coordenadoras em “ambientar” com o que a escola tivesse de material, um pequeno espaço ali na sala onde faríamos, para que de forma mínima pudéssemos nos sentir em outro local.

Para ajudar na ambientação e, também na dinâmica e no desenrolar das oficinas, levei um tapete, onde deixei expostos no centro todos os livros que já havíamos conhecido nas atividades dos dois dias de convivência, bem como os que poderíamos utilizar. Levei também um objeto pessoal de infância (uma bola desmontável) que acompanha-me para uma diversidade de atividades que já fiz, pois sempre que posso, uso este objeto como concretização, visualização das analogias, explicações feitas.

É importante acentuar que, os pontos relatados aqui são aqueles que, pelo meu olhar (e estes fazem um recorte da realidade a partir de minha específica individualidade) trazem as possibilidades de não preencher da melhor forma o acontecido.

Assim que cheguei na escola, para o primeiro dia de oficina, arrumei o cantinho onde seriam realizadas essas vivências. Como eu disse, além de praticar a leitura do conto escolhido para cada dia, eu não podia deixar de em cada dia sentir, perceber como estava a turma; se mais inquieta, mais preocupada, ansiosa pelas atividades, etc. Gosto de não sonegar essas questões, pois somos seres com emoções mutáveis a todo momento. Pensando nisso, não comecei diretamente com a leitura do conto e ou poema em si. Então ficamos em círculo no cantinho que havia separado e começamos a conversar.

Fiz questão de levantar algumas perguntas que eu havia feito nos primeiros dias na escola. Perguntei se estavam gostando desses momentos de leitura, e elas deram respostas como “é diferente”, “a gente não sai da sala pra ler, porque cada sala tem um cantinho da leitura” – mencionando sobre alguns livros que ficam pendurados em varais na parede da sala de aula.

Ainda questionei se elas conseguiam diferenciar Poema de Literatura, se pra eles era a mesma coisa e, também, o que eles mais gostavam de ler ou ouvir de histórias.

Rosa: *“poema é engraçado, divertido”.*

Tulipa: *“poesia é o que mexe com as palavras, tem rimas. Literatura eu não conheço”.*

Pesquisador: *“será que vocês não conhecem literatura? Vocês acham que o que nós lemos e as dinâmicas que tivemos nos dois dias que eu vim aqui, tinha literatura?”*

Rosa: *“sim”*

Pesquisador: *“por quê?”*

Rosa: *“são as histórias dos livros”.*

Pesquisador: *“é isso, gente, aquilo que eu trouxe pra vocês, nos livros, nos textos, e essas oficinas que faremos a partir de hoje, estão fazendo a gente conhecer um pouco de vários poemas e da literatura, que são, por exemplo, esses livros que eu coloquei aqui pra gente, os contos que a gente vai ler. Tudo isso é literatura”.*

Após eu perceber que eles estavam começando a ficar dispersos e, a maioria não era muito de falar, pela timidez e pelos motivos de cada um, apesar de algumas crianças em especial serem as que geralmente mais comentavam ou desejavam participar quando tinha algo a ser feito, continuei.

Para retomarmos a atenção, peguei o meu objeto colorido, uma bolinha desmontável e, subitamente, joguei para cima. Ao cair ao chão e espatifar-se (ela apenas desmontou), todos olharam para o objeto e para mim, e ali eu tinha de uma forma inesperada trazido a atenção geral deles. A bola se desfez em 6 partes coloridas e no interior de cada parte havia o título de um livro dos que eu tinha selecionado e colocado no centro do círculo onde estávamos. Escolhi aleatoriamente 6 crianças para cada uma pegar uma parte do objeto e, os que conseguissem ler, lesse esse título de livro para todos ouvirem. Alguns não sabiam

ler e rapidamente que eu percebia, ou ia ajudar ou pedia para que um colega que soubesse, pudesse repetir a frase para que o coleguinha falasse. Busquei de todas as formas não excluir ninguém por causa nenhuma, e tentei envolver todos em todo processo, vivência.

Assim que cada um lia o título que estava colado na parte da bola despedaçada, eu pedia para em seguida o próximo ler e, ao fim dos seis títulos lidos, falei que entre aqueles seis livros, estava o livro que eu tinha escrito, que foi feito especialmente para trabalhar essas atividades na escola deles e com eles, e para todas as crianças que passassem a gostar de livros de todos os tipos.

Eles ficaram curiosos para tentar acertar e logo começou uma agitação. Muitos começaram a apontar para tal livro, outros a dizer que era aquele por tal motivo, etc. Pedi a atenção de todos – havíamos combinado de sempre que desse, a gente pudesse ouvir o colega quando estivesse falando algo, não só por causa do silêncio, mas para que todos pudessem entender o que o colega queria dizer e podermos todos conversar – e comecei a questionar para eles, lendo título por título, se eles achavam que aquele livro em específico era de literatura ou não, se era de poemas ou não.

Alguns disseram que sim, era de literatura; outros disseram: “se tiver rima, é poema, como eu aprendi com a professora”. Não entrei no mérito da questão falada pela criança, sobre os aspectos de estrutura de uma poema, sobre não necessariamente precisar haver rimas, etc. A ideia ali era apresentar a eles, livros de literatura tanto infantil como infanto-juvenil, poema, contos e até crônicas, para que minimamente eles conhecessem, vissem essa variedade que os livros nos traz.

Ainda na tentativa de adivinharem qual daqueles livros ali expostos era o que a gente iria ler e era o que eu tinha escrito para eles, alguns disseram:

Rosa: *“esse que tem um homem de preto na capa, já que você tá de preto”.*

Pesquisador: *olha só! Poderia ser, foi um bom palpite, mas não é esse, gente. Esse livro que a colega de vocês apontou, é um livro de Crônicas, que é também uma forma de escrever que faz parte do mundo que é a literatura”.*

Tulipa: *“aquele de capa branca, professor. Você leu aquele poema da pandemia”.*

Pesquisador: *“esse também tem poemas meus, que sim, a gente usou e vocês leram lá na sala e até montaram o poema com aquelas frases que vocês pegaram no Copo Mágico. Mas ainda não é esse”.*

Depois de algumas tentativas, e ninguém ter apontado pro livro *Pedrinho e seu livro: viagens e aventuras (2021)*, falei que se eles prestassem um pouco mais de atenção, iriam achar o meu nome na capa e iriam ver alguns desenhos que mostram basicamente o que a gente estava fazendo ali, que era ler livros. E dessa forma, logo eles adivinharam.

Mais uma vez, como sempre me propus a fazer, convidei aos que desejassem ler (pois eu queria que em todos esses momentos, além de mim, eles também lessem, estivessem o mais perto das histórias possível), que levantasse a mão e fosse até o centro do círculo ou até do seu próprio lugar, caso se sentisse mais confortável, e lesse duas páginas para todos ouvirem. Alguns quiseram ler o livro inteiro sozinhos, mas eu insisti na divisão para que todos que também queriam, pudessem participar, pois em seguida eu faria a leitura completa do livro e a gente falaria sobre a experiência com a obra. Nesse ínterim de organização para início da leitura por parte das crianças, a coordenadora da escola trouxe um microfone, conectou-o à caixa de som que, no início, ela tinha posto uma música ambiente, calma. Alguns alunos se sentiram intimidados com o microfone, e sempre deixei aberto para que lessem como preferissem. Mas, no fim, a maioria conseguiu vencer o medo do microfone e até de ler para mais pessoas, e foram.

Antes de tudo isso, na própria explanação sobre o livro, quando eles haviam adivinhado, eu fiz uma breve explicação sobre que tipo de livro era aquele, mas não sobre a história que ainda seria lida e vivenciada. Falei que era um livro infanto-juvenil literário e poético, especialmente porque o livro conta a história de uma forma rimada, lúdica, e ao mesmo tempo que narrada, dialogada.

Assim sendo, muitos alunos, para minha surpresa (pois foram bem mais crianças querendo fazer a leitura), levantaram a mão e se dispuseram a ler para todos (algumas usando o microfone, outras não; algumas nos seus lugares, outros não). Foi nesse momento de leitura das crianças que, um dos alunos que tem a condição especial do autismo, falou que também queria ler. Esse mesmo aluno, pela sua própria atitude mais hiperativa, que costumada tirar a atenção das outras crianças por sempre está fazendo algo independentemente do momento, foi o que também trouxe-me uma surpresa feliz por pedir para ler, pois para ele foi sugerido que caso ele “bagunçasse”, poderia ir para outro ambiente. No entanto, fiz o contrário e quis trazer ele para mais perto. Chamei-o pra sentar ao meu lado e,

assim como todos os outros, deixei com que ele lesse, da forma que ele soubesse, o nosso livro-produto deste trabalho.

Alguns alunos começaram a rir dele, pois ele não sabia ler e estava apenas olhando as imagens e falando o que via. Pedi para que todos também pudessem ouvi-lo, e fui ajudando ele a entender as imagens ali expostas e a falar o que ele achava que tinha ali nas páginas do livro. Foi uma experiência boa para todos, acredito. De todo modo, a oficina era para todos, e ele também pôde participar e expressar aquilo que sentia a partir do que via nas imagens. Ele disse em alguns dos momentos: “um menino com um livro”, olhando para uma das páginas do livro. Respondi: “sim, exatamente como você está aqui, com um livro na mão e lendo”.

Após as crianças lerem o livro por inteiro, de forma dividida cada uma leu algumas páginas, eu peguei o livro e fiz toda a leitura com a melhor entonação, representando as falas dos personagens e da melhor maneira que a história pudesse ganhar ainda mais vida. Esse livro, acredito que chamou bastante a atenção deles, por vários motivos, e um deles foi a identificação com o personagem que também é uma criança que estava descobrindo a importância da leitura pra vida como um todo e como isso era incrível e divertido.

Quando finalizei a leitura, abri espaço para que eles falassem o que sentiram, acharam interessante; que eles expressassem suas sensações a partir daquela leitura. Essa era e foi uma das ideias principais das oficinas. As crianças mais participativas, ou menos tímidas, logo falaram: “eu gostei, porque Pedrinho viajou pra um monte de lugar”; “eu gosto de ler histórias, e eu me sinto lá dentro”; “achei legal as rimas que fala dos países. Eu nunca viajei pra outro país”.

O livro, de fato, traz essa ideia de como através das histórias que os livros nos apresentam, sejam em forma de conto, poemas ou qualquer outro jeito, podemos criar, imaginar, sentir e aprender de uma maneira que muitas vezes é vista por muitas pessoas, como apenas entretenimento que não causa nada, além de manter crianças em um lugar ocupadas com algo. Mesmo sem objetivar aprender um conteúdo, as próprias sensações individuais que cada criança teve, comunicou por elas mesmas, traziam conhecimentos que já possuíam, ao mesmo tempo que eles levantavam questões que iam abrindo outros caminhos de reflexão.

O livro conta uma história que, de forma rimada a cada duas páginas, revela a ludicidade e brincadeira com as palavras que o poema com suas características traz.

A viagem pelo mundo que o Pedrinho faz, não traz somente a ideia de uma viagem pelos países, como conta a história. E isso foi trazido na fala de uma das crianças, quando disse: “eu também viajo pra o lugar na história que tô lendo”. Eu perguntei: “você sente algo quando tá lendo algum livro, história?”. A criança respondeu: “sim, a pessoa fica alegre, triste. Eu gosto de HarryPotter”. Eu repeti a questão para toda a turma, acrescentando outra questão: “No livro de Pedrinho, vocês conseguiram ver um pouco de poesia, uma história acontecendo. Daquilo que a gente leu juntos, o que mais chamou a atenção de vocês?”. Um aluno disse: “eu achei legal a parte que fala as coisas que tem nos lugares”; acrescentei: “verdade, Pedrinho conhece e aprende sobre vários países só lendo o livro que encontrou e se tornou amigo”. A criança diz: “eu gosto mais de poema, acho mais fácil de entender”.

As vivências e experiências com as oficinas, e esses fragmentos de relatos das crianças, ainda que tenham falado pouco – ou na verdade o suficiente dentro daquilo que conseguiram no momento, até porque são sujeitos ímpares, que possuem suas individualidades e, a quantidade está longe do objetivo processual nas oficinas -, falaram e deixaram o suficiente para que eu pudesse perceber como é possível criar momentos vivos, livres e altamente ricos em tantos sentidos utilizando a literatura e o poema, que por consequência, transformarem-se em aprendizados.

Essas falas delas são claras de como de alguma forma relacionam com suas próprias vidas, seus sentimentos, suas experiências. Com esses momentos vividos, pensar e sentir as palavras de forma consciente e lúdica, criativa, expressiva, é notável nas crianças. Como elas mesmas relataram quando falaram do livro, da história do Pedrinho e seu livro, de como ler algumas histórias fazem elas se sentirem ou feliz, ou triste, ou darem risada, etc. Há uma forma e os alunos se mostraram dispostos, mesmo que muitas vezes não pareça, a aprender ao mesmo tempo que sentia, se divertiam, e sem a obrigatoriedade de controles para aprendizagem, afinal cada sujeito tem em si e constrói a partir dali, aquilo que será necessário para ele, e de forma prazerosa, porque a criança quis e não porque ela foi colocada a fazer porque tinha de fazer. Aprender enquanto divertem-se e não apenas isso, enquanto sentem e estão dispostas a isso por gostar; e também se divertem aprendendo por suas próprias questões feitas. Esse diálogo quebra, corrompe, através dessas experiências – e eu sempre faço questão disso -, da

bifurcação entre educando e educador, como salienta Freire, isso não é factível quando externo ao diálogo (2005: 78).

Em uma outra experiência nas oficinas de leitura, eu apresentei dois contos de Manoel de Barros, chamados “O menino que ganhou um rio” (Barros, 2006) e “Bocó” (Barros, 2006). Essa experiência não poderia deixar de ser relatada aqui no memorial, pois, uma das características que podemos observar em alguns textos de Manoel, é essa sutileza de trazer essa forma “transvista” do mundo e das coisas que muitas vezes são os olhares que as crianças trazem através de suas imaginações e criatividade.

Assim que li o título do primeiro conto, “Bocó”, já pude perceber algumas leves risadas da palavra lida. Então falei: “ah, vocês gostaram dessa palavra, né? Vamos ver o que o autor fala nesse texto e o que a gente vai perceber lendo isso?” Então fiz a leitura do texto, dessa vez eles não se colocaram a querer fazer a leitura e se mostraram curiosos, era perceptível, simplesmente pelo título do conto.

Após a leitura do conto, e até enquanto lia, vi muitas expressões de, digamos, “estranheza” nos rostos deles, e percebendo isso, resolvi explorar. Ao abrir o diálogo com elas, aparecem a confirmação daquilo que era observável em suas expressões durante a leitura do conto. Frases como: “não entendi muito bem”; “tem palavras estranhas nesse texto”; “achei confuso”. Perguntei: “por que vocês acharam difícil? Mas o que vocês sentiram dessa leitura? O acharam de interessante?”. E tive respostas como: “esse texto é de poesia, por isso tem umas coisas que não dá pra entender”, “bocó é criança perturbada, né professor?” “Fulano de tal é bocó, ele não fica quieto”.

Esse texto de Manoel traz, também, algo que na minha leitura foi o que indiretamente as crianças trouxeram quando focaram suas atenções à palavra Bocó, que foi a de tentar entender o que significava aquilo para elas, a partir das experiências delas, de onde elas já ouviram e com que sentido, dentre os vários, essa palavra tinha na vida delas; assim como os diversos sentidos que o personagem ao ser chamado de Bocó, encontrou ao buscar.

Em outra experiência com outro conto, vivenciado no mesmo dia do texto Bocó, apresentei mais um conto de Manoel de Barros, chamado “*O menino que ganhou um rio*” (2006), do livro *Memórias Inventadas*, 3ª infância. Junto a esse conto, na tentativa de deixá-lo ainda mais vivo, levei uma imagem impressa de um

quadro de óleo sobre tela “O menino e o rio”, de Bernadeth Rocha. Novamente, já na leitura do título do conto, era possível perceber algumas crianças de forma contida balbuciar algumas coisas. Continuei a leitura e da mesma forma com que fiz em todos os outros poemas e contos, tentei passar na leitura a sensação do que estava sendo lido. Esse conto, resumidamente, traz a história de um menino que, em seu aniversário, ganhou um rio de presente de sua mãe.

Acredito que seja importante deixar marcado neste trabalho, além do que já foi dito em outras partes dessa pesquisa, que o fato de estarmos cada vez mais bitolados e presos às demandas da sociedade, onde temos que nos afogar no engolir de saberes muitas vezes convencionados e conceituados de forma fechada, tem direcionado a leitura para um caminho limitado ao código. Essa visão pode acabar fazendo desacreditar de como as sensações livres, a capacidade de espantar-se e sorrir, de brincar, podem além do prazer e da vida, trabalhar o aprendizado de uma forma mais aprazível. “Ah, mas apresentar esses textos, contos, poemas, vai servir de alguma coisa?”

Algumas falas, após a leitura finalizada (e repetida), foram bastante interessantes e renderam uma boa conversa delas para comigo e entre elas mesmo, nas discordâncias e concordâncias que tinham. Coisas como: “não tem como alguém ganhar um rio de presente”; “o rio não tem dono, é de todo mundo”, “acho que foi pra não deixar o menino sem presente”. Eu questionei: “é possível alguém ganhar um rio de presente, ou uma árvore?”. Uma das crianças falando mais alto, por cima das outras (uma das que mais eram ativas e gostavam de falar), disse: “sim, mas acho que não é de verdade. Eu gostaria de ter um rio.” Outra criança disse: “na roça do meu avó tem árvore e é tudo dele, ele que plantou”. Nesse hora, eles deram risada e começou um alvoroço de falas umas sobre as outras.

É interessante como quase que instantaneamente as crianças trazem - quando algo é mais figurativo, a depender do sujeito - para discussão de pontos do conto, a realidade da vida em si. E, ao mesmo tempo, relacionando com aquilo que já sabem, viram ou vivem, como por exemplo, ter árvores na roça dos avós ou o fato de o rio ser de todo mundo e não ser possível dar como presente a alguém. São pontos sinceros, que é de destaque na narrativa do conto. A capacidade de poder pensar, sentir, expressar, comunicar através da leitura “despretensiosa e sem cobranças”, tira as crianças do que é comum, do que são acostumadas a ser pelos moldes sociais, adaptando-os e limitando-os àquilo.

Os contos de Manoel de Barros somaram muito bem ao intento dessa pesquisa e experiência para este trabalho que busca mostrar a força da literatura e do poema no contexto escolar. Juntos ao texto de Clarice Lispector e o livro-produto (volume 1) – que não posso deixar de reiterar que eles tanto gostaram e interagiram por se identificarem –, trouxeram esses momentos de reflexão e expressão do que as crianças sabiam, acreditavam, sentiam, etc. Foi um vai e vem entre a razão e as sensações que se misturam e ensinam.

As crianças têm esse desprendimento de deixar a imaginação fluir, mas elas também, junto com essa imaginação e criação, trazem essa razão das suas próprias vidas, que é o conjunto de coisas que elas aprendem no seu dia a dia. E os textos poéticos trouxeram a partir das falas e inquietudes deles, a forma como viam e estranhavam as palavras e expressões, e também a forma como sabiam e questionavam aquilo que ali estava sendo dito nos textos.

Ainda continuando com as oficinas, nesses dias que foram separados para a vivência com esses textos, poemas, contos, livros, apresentei mais um conto de Manoel – sim, a singeleza dos contos e abordagem direcionada para aquilo que poucos costumam ver, e muitas vezes as crianças veem, me fez colocar três contos do autor. Nesse dia de oficina, o conto lido com e para as crianças foi “Delírios” (2006).

Esse conto, após sua leitura, trouxe uma chuva de questionamentos ao mesmo tempo que guiados pela literalidade da razão, também expressados pela forma poética – que após dias mergulhados nesse mundo, as crianças já estavam vendo a poesia presente na forma em que os textos se mostravam.

Já sobre o título, tive expressões como: “delírio é coisa de gente maluca?”, “como que uma tarde pode correr atrás de um cachorro?”, “deve ser a imaginação, professor”; “tem sapo que parece o chão mesmo, da mesma cor”. Falei: “você acham que delirar é algo ruim, de gente maluca, como disse a colega?”. Tive como uma das respostas: “no texto parece uma pessoa que pensa em muitas coisas diferentes”. Foi interessante perceber como a bagagem linguística das crianças muitas vezes já tem uma compreensão individual de algumas palavras e expressões, que não negam a imaginação e que a questiona ao mesmo tempo. Reitero, as crianças sempre mostraram a capacidade de através dos seus questionamentos, a partir do que sentiam na leitura, recriar ou relacionar com as

suas vidas. Elas estavam a questionar sobre coisas abstratas e concretas, sobre o que parecia racional e sobre a imaginação. E o engraçado, no sentido de curioso, é que essa característica mais simples, de sentir as sensações, emoções e de imaginar, elas ligaram bastante à poesia, aos poemas e aos textos que tinham esse tom poético e que, ainda que fossem da categoria dos contos na literatura, as crianças não deixavam de dizer “que é poesia”.

Em mais uma experiência nas oficinas, este sendo o último momento com o último conto para o último dia dessas vivências, resolvi finalizar as oficinas com algo para além da leitura e consideração do conto. Falando nisso, o conto/texto considerado no último dia de oficinas foi o de Clarice Lispector, chamado “Como nasceram as estrelas” (2011). Esse texto apresenta uma lenda que mostra como em uma aldeia, curumins deram origens às estrelas brilhantes. Apresenta personagens icônicos, como os índios, curumins e animais daquele ambiente.

Para iniciar este último dia de oficina com as crianças, antes de considerar o conto de Clarice, apresentei e fiz a leitura de um conto de Carlos Drummond de Andrade, chamado “A incapacidade de ser verdadeiro”, do livro/coletânea *“Deixa que eu te conto – volume 2 (2002)”*. Era praticamente um microconto que fala de um menino que por imaginar bastante coisas que estavam, para as pessoas, fora da realidade, era considerado como mentiroso, mas que por fim era apenas um caso de poesia, onde a mente fértil do garoto criava e imaginava diversas situações. Após a leitura, algumas coisas como: “o menino não é mentiroso, ele só pensa demais”; “eu gosto de criar coisas na minha mente, porque eu sinto e depois escrevo”. Falei para as crianças que ler também proporcionava isso, a capacidade de imaginarmos, criamos e pensarmos sobre coisas que vão além daquilo que todo mundo vê. Isso faz parte da poesia e literatura e de como estamos próximos dos livros.

Uma das crianças, que desde o primeiro dia era bastante participativa, porém tímida para falar na frente de todos, disse que tinha trazido um poema que escreveu. Perguntei se a criança desejaria ler para todos o poema que tinha escrito e, após ela ter lido, não só eu, mas os coleguinhas e a professora em sala ficaram impressionados com sua capacidade de escrita; não apenas pela técnica eu observei, mas principalmente pela sensibilidade que o texto da criança passava.

Perguntei: “e por que você escreveu esse poema? Ele fala sobre o quê?” Ela respondeu: “eu escrevi porque eu “tava” desenhando dois vestidos, que pintei de

vermelho e de preto e eu “tava” escolhendo pra fazer uma boneca, que eu gosto muito de desenhar, aí eu pensei em fazer um poema”. A resposta da criança, bem como seu poema, de fato, me deixaram muito feliz, porque nem a leitura do poema de uma outra criança nos primeiros dias e nem o dessa criança no último dia, foi algo que sequer imaginei, e que fiz questão de incentivar que continuasse, principalmente se fosse algo que ela gostasse, sentisse vontade de fazer. Para tentar extrair um pouco mais da criança e tentar perceber (ou não) por meio de sua expressividade, comunicação e reflexão, o que ela tinha sentido ao acabar de escrever e ler o poema que ela fez, tive como resposta: “eu achei legal e nem imaginei que fui eu que fiz”.

Por esta razão de surpresa positiva com o poema da criança, especialmente pelo fato de ter sido uma surpresa que praticamente corrobora com muito do que vem sendo discutido e apresentado nessa pesquisa, fiz questão de deixar aqui, na íntegra, o poema da criança que tomou coragem, leu para todos e falou que, além de gostar de desenhar, escrever era uma das coisas que mais fazia ela sentir. Segue o poema da criança que, segundo ela, ainda não tinha título:

Estava sentada no sofá, pensando em desenhar

Uma menina de vermelho, prestes a cantar

Não sei se pinto o vestido dela de vermelho ou de preto

Vou ter que pedir ajuda pra alguém de algum jeito

Sou muito indecisa, gosto muito de cantar

Mas o que eu gosto mesmo, é de desenhar

(Criança do 5º ano da escola Tancredo Neves)

Continuando o último dia de oficina, depois da leitura do conto de Drummond e da grata e agregadora surpresa do poema da criança, passamos para a leitura do conto selecionado para aquele último dia, a saber, “Como nasceram as estrelas, de Clarice Lispector (2011). Após a leitura, como sempre abrindo para diálogo, as crianças se colocaram, muitas já inquietas e bem mais abertas à fala, dizendo: “toda criança é curumim ou só os índios crianças?”; “as mães dos índios devem virar onça

mesmo, tem muita lenda de floresta”; “professor, como ‘nasce’ de verdade as estrelas?”. Essa última pergunta, feita diretamente a mim, abriu-me portas para que junto com a turma pudéssemos mergulhar mais fundo no texto e, mais uma vez, corroborar com o que expressa e defende este trabalho, de que como a leitura prazerosa e livre de critérios e obrigações de aprendizado, também produz o saber, naturalmente surgindo e paralelamente aprendendo.

Falei para elas que iria explicar, de forma científica, segundo o que a gente também aprende com alguns livros e na escola, como nascem as estrelas. Já de início, falei para elas que as estrelas que estão lá no céu e que os cientistas explicam também, nascem de uma maneira nada delicada, e pelo contrário, através de explosões de outros objetos no espaço e que essas nuvens de poeira e gás vão se juntando de uma forma muito rápida e formando as estrelas, como o nosso sol, que é uma estrela. Já no conto, de uma forma poética - que também nos ajuda a ver por outros olhares, sentimentos e imaginação, sobre como pode nascer uma estrelinha -, e no texto de Clarice, foi por causa dos índios crianças que lá no topo do céu ficaram, os curumins.

Para finalizar este último dia com as crianças, para fechar a oficina de uma forma lúdica, criativa e que a partir de um ponto que desde o primeiro dia muitos alunos falaram que gostavam de fazer, ou seja, desenhar, resolvi montar grupos de 5 alunos e fazer uma dinâmica onde, com uma única folha de ofício por grupo, eles iriam em conjunto (ou alguns do grupo desenhando e outros ajudando nas ideias), colocar no papel aquilo que sentiram do texto de Clarice ou o que mais gostaram, mais chamou a atenção deles. A turma inteira gostou, especialmente os muitos que sempre me falavam que gostavam de fazer desenhos e me mostravam desenhos que fizeram e que, inclusive, saí da escola cheio de presentinhos, como cartinhas e desenhos que, segundo eles, fizeram especialmente para mim. Segurei-me para não emocionar e chorar, e prometo guardar comigo com muito carinho cada cartinha e desenho extra que fizeram.

Após um tempo considerável - e a professora liberou bem mais do que o tempo proposto para a oficina neste último dia -, eles desenharam e pintaram suas obras, resultado daquilo que em grupo chamou mais a atenção deles no conto lido e dialogado. Cada grupo foi à frente da turma, ou apenas um do grupo, falou um pouco sobre o que tinha ali, relatou sobre o desenho, e assim foi feito com os cinco grupos formados.

Cada desenho pode ser, a quem interessar pesquisar e aprofundar sobre esse aspecto artístico, analisado sob diversos ângulos; e, olhando por esta abordagem que o todo nosso trabalho e oficinas se propuseram, as crianças de fato colocaram pontos do conto que foram centrais no sentido das sensações que o texto passa e dos pontos-chave da história. Foi bastante rico finalizar as oficinas com algo que nasceu a partir de pedidos deles e que pôde relacionar-se perfeitamente com as oficinas.

5. PEDRINHO E SEU LIVRO: A EXPERIÊNCIA DA PRODUÇÃO

O processo de elaboração dos dois produtos autorais, a saber, livros infanto-juvenis, produzidos para esta pesquisa, além de prazeroso, foi um mergulho nas minhas próprias memórias infantis e um passeio pela sincera inocência pertencente às palavras das crianças. Como disse, são dois volumes; o primeiro, chamado *“Pedrinho e seu livro: viagens e aventuras”* (2021), foi utilizado como produto central das oficinas, construído para ser utilizado em um dos momentos; e o segundo, chamado *“Pedrinho e seu livro: ressignificando o mundo”* (2022), produzido pós vivências das oficinas com as crianças, que traz essa reflexão a partir de falas dos personagens (e das crianças) sobre os livros, a literatura, a leitura, as vivências, etc.

São livros elaborados tanto em formato digital (e-book) como em formato físico (disponíveis também em plataformas de venda de livros), com o objetivo de ter servido e utilizado não apenas nos momentos de pesquisa que foram vividos, mas também como um livro, especialmente o volume 1, a ser trabalhado com as crianças em qualquer ambiente escolar e não escolar, uma vez que pela experiência com as oficinas e o retorno positivo e rico das crianças sobre o livro, bem como as considerações positivas por parte da escola (coordenação, gestão), deram essa bagagem e resultado substancial de uma aprovação real da obra.

São obras categorizadas como infanto-juvenis, compreendendo faixas etárias desse espectro, mas que podem ser trabalhadas e dialogadas por diversos setores, como educacionais, literários, poéticos, pedagógicos, sociais, etc., uma vez que traz a importância da leitura na vida da criança, como mostra o personagem Pedrinho, que descobre as maravilhas que o universo dos livros podem proporcionar em seus diversos sentidos. Os livros foram criados graficamente dentro de uma diagramação

e imagem a dialogar com o que pede a história e os livros dessa categoria, sendo escolhidas e montadas com imagens/ilustrações que interagissem com a história. Tais imagens utilizadas tem origem de plataformas de imagens gratuitas (livres de direitos), e organizadas de uma forma que atendessem ao que comumente é produzido nesse campo dos livros infantis e infanto-juvenis.

São produtos que estão dentro do formato que pode ser comercializável, caso desejado, uma vez que foi concebido cuidadosamente em *softwares* de edição de imagens profissional (*Photoshop, CorelDraw*) e de editoração/diagramação para impressão, e refeitas diversas vezes até ficar visual e graficamente coesos. O livro *Pedrinho e seu livro: viagens e aventuras* possui 35 páginas (ilustradas), onde apresenta a história de Pedrinho, um menino que descobre a importância da leitura e viaja nas histórias; o livro *Pedrinho e seu livro: ressignificando o mundo*, dispõe de 42 páginas, todas também ilustradas; este volume traz frases e diálogos que traduzem de alguma forma a experiência vivenciada com as crianças.

Os livros foram feitos com as folhas do miolo em uma espessura resistente, pensando justamente no manuseio pelas crianças e na durabilidade do produto. Os dois estão no formato quadrado com dimensão de (200x200), acabamento de brochura sem orelhas, colorido e com o tipo de papel Couche de espessura 150g. Toda a mão de obra e custos para a produção física, que está como produtos finais para aquisição, é de R\$ 56,97 (volume 1) e R\$ 57,99 (volume 2), somando um gasto R\$ 114,96 para tê-los em mãos, prontos, uma vez que fiz questão de ter uma cópia de cada volume em versão física feita por trabalho de gráfica.

Os livros alcançam a modalidade digital e física e podem, como sempre foi o desejo deste autor, serem de fato utilizados com as crianças, uma vez que elas mesmas aprovaram pelas suas devolutivas práticas. A própria escola demonstrou interesse em adquirir fisicamente os dois livros para compor a biblioteca da instituição e, como disseram as coordenadoras, por saber e a escola sentir-se agradecida por ter tido um ex-aluno podendo trazer toda essa experiência para a escola e também produzido e trabalhado com livros de autoria de uma pessoa que já estudou na Tancredo Neves.

Falar desses livros-produtos nessa pesquisa, especialmente *Pedrinho e seu livro: viagens e aventuras (2021)*, no próprio processo de criação do personagem e de toda a história sobre a leitura e os livros, fez-me também pensar sobre como este

pequeno livro teve um valor concreto, real para mim; era como se o personagem Pedrinho tivesse transfigurado das páginas do livro e levantado provocações substanciais para que eu percebesse de forma mais clara e entendesse como hoje ainda não me tornei um leitor que mereço ser – tudo isso juntou-se e fez sentido perante uma diversidade de ebulições/anseios internos e externos que a vida tem me apresentado. Tomei mais consciência, nesse processo, da responsabilidade do que é ser um leitor, e o caminho que ainda preciso percorrer para estar inteiramente imbuído nisso. Pedrinho foi fundamental intimamente a mim, por dar-me essa injeção de ânimo e percepção da necessidade do meu caminhar ir ainda mais fundo para ser um leitor.

Todo esse processo levou-me a uma conversa honesta com a professora Maisa, que me apresentou outros e outras poetas além de Manoel de Barros, a saber: Valter Hugo Mãe, através do livro *Contos de Cães e maus lobos* (2018), com os contos “A menina que carregava bocadinhos” e “O rapaz que habitava livros”; João Anzanello Carrascoza, através do livro *Dias Raros* (2004), com os contos “Cidade-mundo” e “Chamada”; Clarice Lispector, esta eu já conhecia, mas nessa oportunidade, através do livro *Felicidade Clandestina* (1987), com o conto que leva o mesmo nome da obra, “Felicidade Clandestina”, tive a oportunidade de prestar atenção aos detalhes da sua escrita e poder ver os sentimentos que ali pulsavam. E ainda o poeta Oscar Wilde, através de um pequeno livro com meditações, *Meditações* (2009), onde pude deleitar-me de uma diversidade de pensamentos e aforismos dispostos no livro. Esta foi uma experiência fundamental para mim.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa traz muito mais que uma discussão científica sobre a importância e necessidade de não desconsiderarmos tantas outras formas encantadoras que, com o aporte potencial que a literatura e os poemas têm, poderiam e deveriam ser consideradas como pilar fundamental não apenas para agregar em conhecimentos técnicos, mas especialmente os conhecimentos para a vida.

Poder contribuir, ainda que minimamente, ou seja, ter a oportunidade de trazer essa discussão especialmente a partir de vivências realizadas com crianças, onde a recepção e o retorno através das palavras delas e das sensações e expressões que elas tiveram (que reiteram muito do que essa pesquisa traz), foi agregador especialmente para mim, como pesquisador e um amante íntimo desse universo; e que espero que o que aqui foi trazido, possa também abrir nem que seja a possibilidade de que o sujeito que ler, possa ver caminhos outros e ter uma visão outra da literatura e dos poemas, que não apenas num aspecto tão fechado, reduzido ao “conteudismo” sistemático.

Quando penso em todas essas questões sobre a leitura e escrita, sobre as abordagens que tendem quase sempre sobrepôr e colocar como desimportante uma abordagem mais sensível, que revela quase sempre muito mais do que apenas usar o texto poético como trampolim para aprender um assunto em específico, reflito bastante. Sobre esses processos de ler e escrever, que estão naturalmente interligados, lembro das reflexões que trazem Emília Ferreiro, em *Passado e Presente dos Verbos Ler e Escrever* (2012) e Marcos Bagno, em *Preconceito Linguístico: o que é, como se faz* (1999), que me fazem entender ainda mais sobre a necessidade de ultrapassarmos, mas não excluí-los, os procedimentos tão somente técnicos e explorar a vivência com as histórias e como experimentar isso com as crianças é fundamental. A língua, por exemplo, é viva, ela sempre está em processo de modificação por causa daqueles que a usam, seus falantes. E eu digo que as histórias são tão vivas quanto, com uma capacidade de transformar os que as experienciam de forma interna e externa ao mundo e no trato com o outro.

Poder relacionar a minha história de vida, fazer ligações entre minha história, a escola e o retorno à ela por meio desta pesquisa, foi uma força a mais para lidar e desenvolver todo esse projeto com a sensibilidade que ele pede naturalmente,

especialmente em momentos de grandes dificuldades até mesmo emocionais/psicológicas que estive enfrentando durante todo o desenvolvimento deste singelo e substancial trabalho.

Ter encontrado um espaço para essa discussão e para apresentação de experiências envolvendo a literatura e o poema com crianças no seio acadêmico-científico, e sustentá-lo com bases também literárias, além de ter sido uma honrosa surpresa, levou-me a conhecer um trabalho ímpar, a saber, a tese doutoral da professora Máisa Lins, *Diálogos do Riso – um campo aberto para repensar a arte e a educação (2020)*, que discute questões fundamentais no tocante a linguagem da literatura e da poesia e as suas potencialidades na experiência com as crianças. Essa sensibilidade firme e bem estruturada que a professora apresenta em sua pesquisa, foi um dos grandes motivos pelos quais senti-me contente por poder apreciar e agregar ao meu caminho.

Realizar as oficinas com as crianças do 5º (quinto) ano da Escola Municipal Presidente Tancredo Neves, lugar onde aprendi a ler e a escrever e experimentar de forma também inicial esse contato com a literatura (e que agora tive o privilégio de retornar e devolver algo também nesse aspecto); vivenciar uma semana com as crianças, repleta de atividades onde os contos e livros foram nossos parceiros e o contato aberto, leve, ao mesmo tempo que rico, reflexivo, mostrou como a potência comunicativa e expressiva da literatura e do poema são reais e essenciais, pois foram tão positivas como pudemos perceber nas reações e expressões gerais das próprias crianças durante todo o processo. Apresentar contos, poemas, livros de literatura de uma forma não direcionada a um conteúdo e tendo momentos tão ricos de introspecção e relação direta da vida das crianças com as histórias, todas feitas por elas mesmas, mostra o tamanho e dimensão dessa visão.

Não pode deixar de ser dito a importante devolutiva das crianças, dentre todas já discutidas aqui, que foi a mudança substancial no comportamento geral delas no sentido comunicativo especialmente, e também expressivo e participativo, do começo das experiências/momentos para os instantes finais em que estive na escola. Foi claramente perceptível como, especialmente os que não estavam tão abertos, se puseram a participar desses momentos onde os livros e a literatura poética foram centrais em cada acontecimento.

Ter vivido durante a pesquisa a experiência de produzir livros infanto-juvenis e utilizar com as crianças nessa perspectiva apresentada e discutida neste trabalho, uma vontade que não nasceu neste período, uma vez que sempre tive o desejo de poder produzir um livro onde este pudesse de fato ser apreciado nas escolas (ou fora delas) pelas crianças e que, este mesmo livro, pudesse trazer à tona essa importância da leitura de um forma bela, prazerosa, foi enriquecedor. Os resultados, por tudo que as crianças disseram durante e após a vivência com o livro *Pedrinho e seu livro: viagens e aventuras (2021)* – produção autoral e produto desta pesquisa -, e pela produção reflexiva, resultante de todo esse processo vivido na escola, que é o volume 2, *Pedrinho e seu livro: ressignificando o mundo (2022)*, foram de grande valia e contestação de como uma abordagem não muito considerada da literatura e poemas (que também não era comum na escola em que a pesquisa foi desenvolvida), traz uma visão da natureza sensível da linguagem literária que geralmente fica esmaecida diante de todos os protocolos e técnicas.

Esta pesquisa nasceu e realizou-se em cada etapa por um sujeito que vê o universo dos livros, a linguagem literária e poética como indispensáveis à alma da pessoa que tem a chance de apreciá-los sem redomas ou definições, mas em um mergulho profundo onde as sensações proporcionadas pelas histórias confundem-se com a realidade e nessa troca, aprende, expressa, constrói e transforma. Este trabalho é apenas mais uma semente de incentivo e de apresentação para que muitas outras possam surgir e ser aprofundadas.

7. REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Carlos Drummond de, et al. *Deixa que eu te conto: antologia de contos*. São Paulo: Ática, 2002 – (Coleção literatura em minha casa; v. 2).
- BAGNO, Marcos. *Preconceito Linguístico: o que é, como se faz*. São Paulo: edições Loyola, 1999
- BARROS, Manoel. *Memórias Inventadas: a segunda infância*. Iluminuras de Martha Barros – São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2006.
- _____. *Memórias Inventadas: a terceira infância*. Iluminuras de Martha Barros – São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2006.
- COSTA, Reginaldo Nascimento da; CARDOSO, Kelma Maria Vasconcelos (orgs.). *Reflorescer Poético: um novo jeito de enxergar o mundo*. Fortaleza – CE: Editora: Clube de Autores, 2020.
- FERREIRO, Emília. *Passado e Presente dos verbos ler e escrever*. Tradução Claudia Berliner. – 4ª ed. – São Paulo: Cortez, 2012.
- FREIRE, P. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Cortez, 1989.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- LESSMORE, *Os fantásticos livros voadores do Sr. Morris*. Direção de Willian Joyce, Brandon Oldenburg. Estados Unidos: Moonbot, 2011 (50min).
- LINS, Claudia Maisa Antunes (2020). *Diálogos do Riso: Um campo aberto para repensar a arte e a educação*. Universidade de Coimbra, Coimbra – Portugal, 2020.
- LINS, Claudia Maisa Antunes (Org.) et al. *Brinquedoteca Universitária Manoel de Barros: na ciranda de brincar, a palavra como brinquedo*. Curitiba: CRV, 2021, 70 p.
- LISPECTOR. *Como nasceram as estrelas*. Rio de Janeiro: Rocco Jovens Leitores, 2011. il..
- SILVA, Rafael de Santana. *Pedrinho e seu livro: viagens e aventuras*. – Juazeiro: Bahia. vol. 1 1 ed. 35p, 2021.
- SILVA, Rafael de Santana. *Pedrinho e seu livro: ressignificando o mundo*. – Juazeiro: Bahia. vol.2 1 ed. 42p, 2022.
- SILVA, Vaneide Lima. *A POESIA NA ESCOLA: por uma proposta lúdica e dialógica em sala de aula*. Paraíba: Realize, 2014. Disponível em:
<http://www.editorarealize.com.br/revistas/enlije/trabalhos/Modalidade_1datahora_09

_06_2014_18_51_53_idinscrito_243_05c7f176ac6d0989fc9bd1c29f0fbfea.pdf>.
Acesso em: 24 set. 2019.

WELLEK, R.; WARREN, A. *Teoria da literatura e metodologia dos estudos literários*. Trad. Luís Carlos Borges. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

7.1. LIVROS INFANTO-JUVENIS DE APOIO NAS OFICINAS

BARBIERI, Stela; VILELA, Fernando. **Quero colo**. São Paulo: Edições SM, 2016.

GRÉBAN, Quentin. **Mamãe, por que os dinossauros não vão à escola?** [tradução de Newton Cassiolato]. São Paulo: Berlendins &Vertecchia, 2010.

LEITE, Márcia. **Poeminhas da Terra**. – São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2016.

MEANA, Lara. **Selou & Maya**. Tradução Graziela R. S. Costa Pinto. -2. ed. – São Paulo: Edições SM, 2016.

MEDEIROS. Martha. **A graça da coisa**. – 26. ed. – Porto Alegre. – RS: L&PM, 2015.

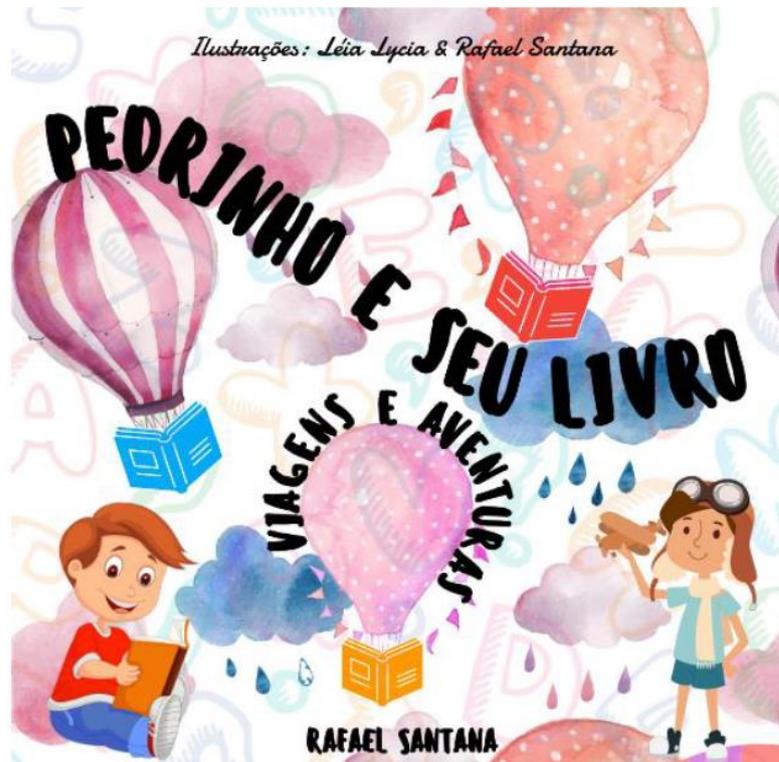
SCANLON, Elizabeth Garton. **O mundo inteiro**. 2ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2013.

TERRA, Ana. **E o dente ainda doía**. / escrito e ilustrado por Ana Terra. São Paulo: Editora DCL, 2012.

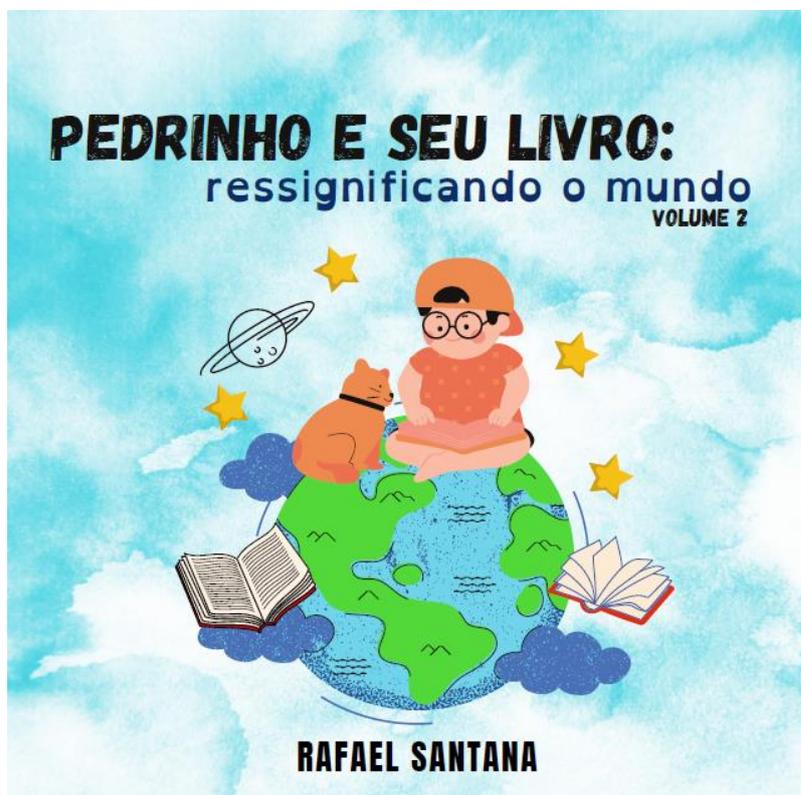
TOKITAKA, Janaína. **Pedro vira porco-espinho**. São Paulo: Jujuba, 2017.

ANEXOS

**CAPAS DOS PROTUDOS DA PESQUISA:
LIVROS INFANTO-JUVENIS LÍTERO-POÉTICOS**



Pedrinho e seu livro: viagens e aventuras



Pedrinho e seu livro: ressignificando o mundo (vol. 2)



Escola Municipal Presidente Tancredo Neves (lócus de pesquisa)



Quadro com fotografia feita na época em que eu estudava na Tancredo Neves

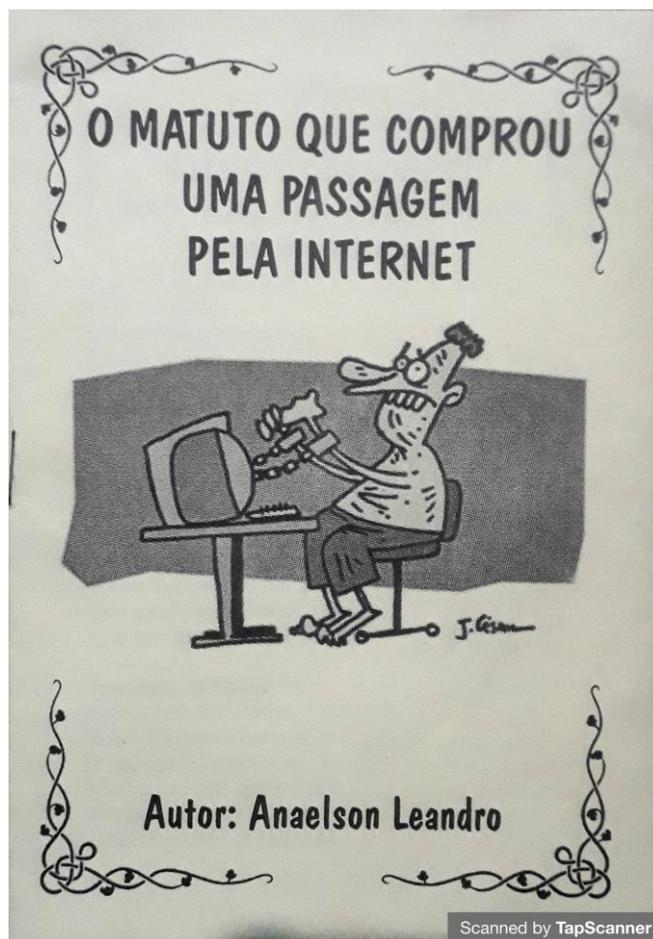


Narrador de uma peça infantil na escola Tancredo Neves



Participantes da peça teatral infantil

ANEXOS DOS MOMENTOS DE CONVIVÊNCIA E OFICINAS LITERÁRIAS



(Capa do Cordel trabalhado com as crianças)



(Exibição do curta metragem sobre os livros)



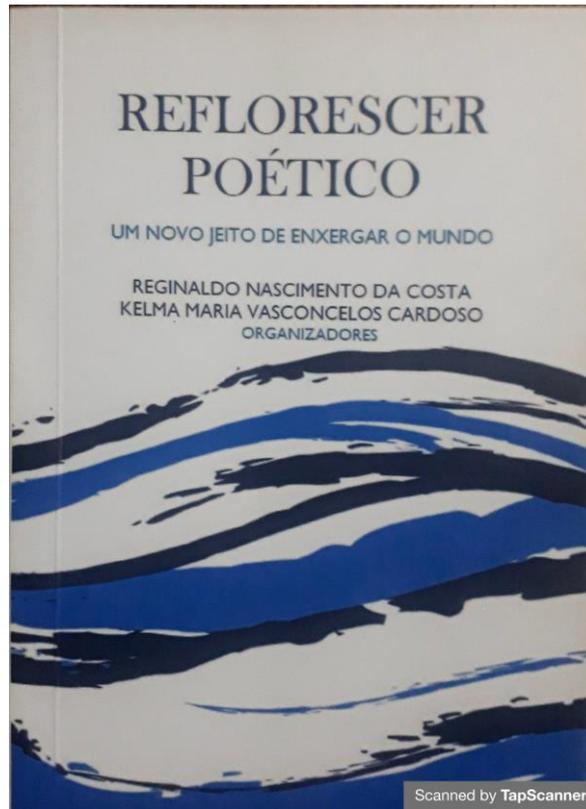
(Declamação e conversa sobre Cordel/poema criado em conjunto)



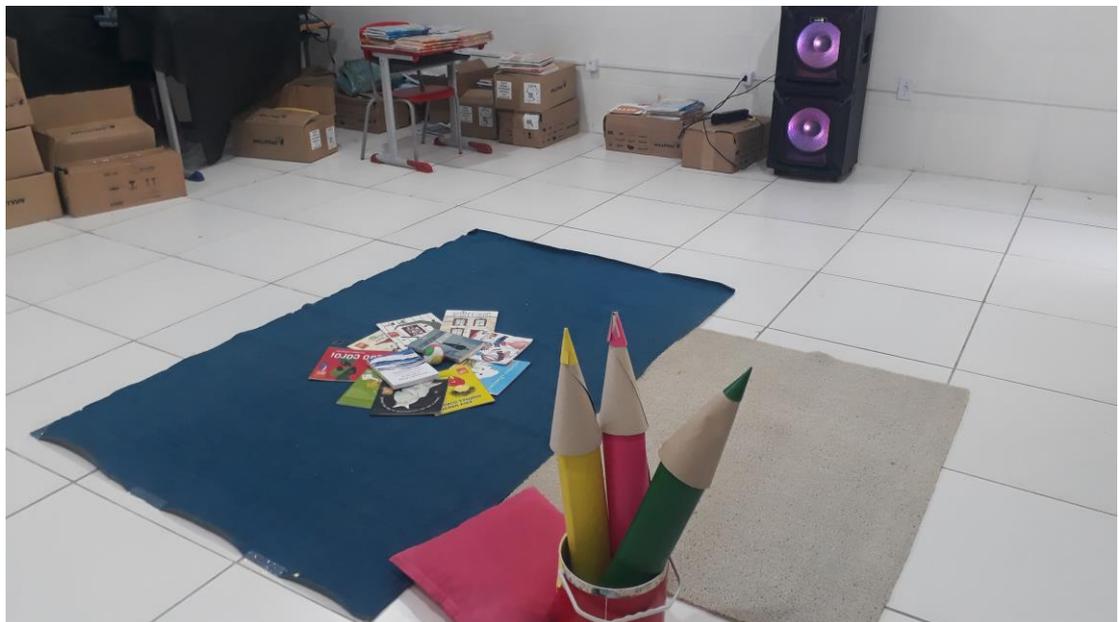
(Criança lendo seu poema autoral)



(Momento da dinâmica “Quebra-cabeça de Palavras”)



(Livro utilizado para dinâmica “Quebra-cabeça de palavras”)



(Ambiente montado para a realização das oficinas)



(Diálogo com as crianças antes da leitura do produto/livro para oficina)



(Leitura do livro 'Pedrinho e Seu Livro' vol. 1)



(Lendo o livro-produto deste memorial a partir das imagens)



(Leitura e conversa no primeiro dia de oficina com o livro-produto desta pesquisa)



(“O menino e o rio”, de Bernadeth Rocha, utilizado para ilustrar um dos contos de Manoel de Barros, experienciado na oficina)

DESENHOS PRODUZIDOS PELAS CRIANÇAS A PARTIR DA LEITURA E
DIÁLOGO/REFLEXÃO DO CONTO “COMO NASCERAM AS ESTRELAS”, DE
CLARICE LISPECTOR, NA OFICINA LITERÁRIA

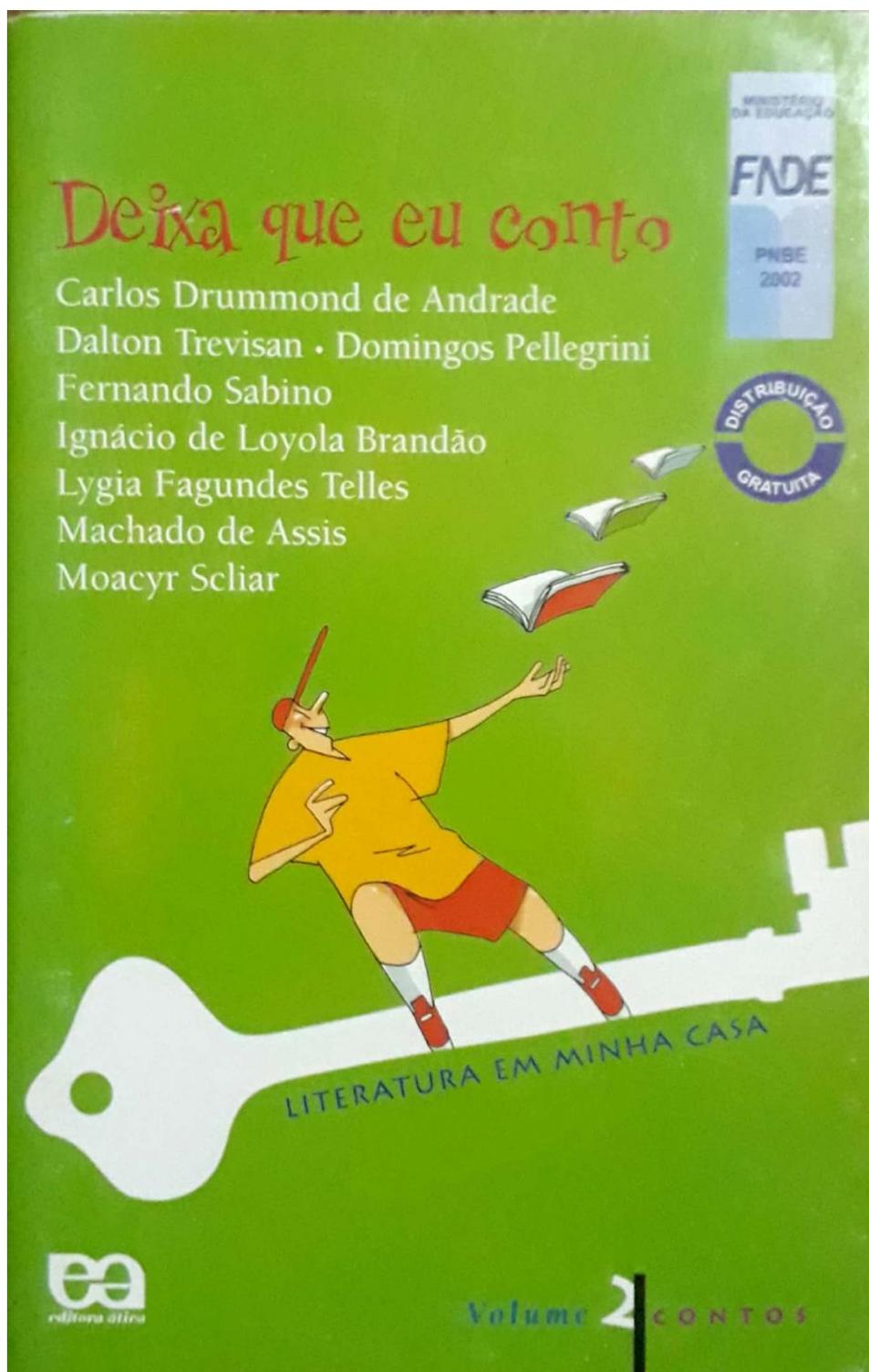












Livro de contos utilizado em momento prévio à leitura do conto “Como Nasceram as Estrelas”, de Clarice Lispector.

ALGUNS LIVROS INFANTO-JUVENIS DE APOIO

